

Universidade Federal de São Paulo
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da
Saúde

Gabriela Esteves

**Encontros e desencontros entre autonomia e
sexualidade de adolescentes do Instituto Querô em
Santos/SP.**

Santos
2017

Gabriela Esteves

**Encontros e desencontros entre autonomia e sexualidade
de adolescentes do Instituto Querô em Santos/SP.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, Instituto Saúde e Sociedade – Campus Baixada Santista.

Orientadora: Cristiane Gonçalves da Silva

Santos
2017

E799a

Esteves, Gabriela, 1990

Título principal Encontros e Desencontros entre autonomia e sexualidade de adolescentes assistidos no Instituto Querô em Santos/SP. . / Gabriela Esteves
Orientador: Prof. Dr. Cristiane Gonçalves da Silva. – Santos, 2017.

n. de f. :94 ;30 cm.

Dissertação - Mestrado – Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Curso de Ensino e Ciências da Saúde, 2017.

1. Adolescência. 2. Direitos Sexuais e Reprodutivos.
3. Autonomia. I. Esteves, Cristiane Gonçalves da Silva, T.

CDD 610.7

BANCA EXAMINADORA

Presidente da Banca:
Profa. Dra. Cristiane Gonçalves da Silva

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira
Unifesp – Baixada Santista

Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba
UNIFESP – Baixada Santista

Profa. Dra. Claudia Renata dos Santos Barros
UNISANTOS

Prof Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos
USP
Membro Suplente

Santos, 19 de Maio de 2017

Dedico ao meu pai, Antônio Villa Alvarez, in memoriam.
A você o meu amor e minha sincera e eterna gratidão. A conquista deste diploma não seria possível sem todo o amor, ternura e paciência que o senhor dispôs na minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ana e Antônio, por serem pessoas tão especiais e me ensinarem o valor do trabalho e dos estudos. A conquista deste título não seria possível sem o apoio e carinho de vocês e essa vitória pertence a nós três.

Ao meu filho Bernardo, por ter me dado à oportunidade de ser mãe de uma criança tão especial e por ser meu maior companheiro nos caminhos inesperados que a vida traça. Você é a alegria da minha vida.

A minha orientadora Prf^a. Dr^a. Cristiane Gonçalves da Silva por ter me ajudado a construir este projeto de pesquisa. Obrigada pelas valiosas orientações e pelo auxílio através de longas conversas entre autores, artigos e não menos importante, sobre a vida. Obrigada por toda atenção e palavras de incentivo.

Ao meu companheiro Arthur, por toda a paciência e suporte no decorrer da minha trajetória. O seu incentivo foi muito importante e essa conquista também é nossa.

Aos meus tios/as, madrinha e amigos/as, por todo o carinho, conversas, passeios e risadas nos momentos de distração.

Ao Instituto Querô, onde pude presenciar a transformação social através da cultura. Um lugar mágico, onde conheci pessoas fantásticas e que acreditam que juntos podemos transformar a sociedade que vivemos.

Aos/as adolescentes que aceitaram participar da pesquisa através das entrevistas, cada um de vocês acrescentou muito na minha trajetória de vida.

Uma vez me ensinaram que para a palavra ganhar força é preciso repeti-la três vezes. E que era preciso ser sábio ao escolhe-la, pois uma vez proferido o mantra, a palavra descolaria do corpo e ganharia vida própria. A partir do dia que compreendi isso, passei a exercitar este segredo:

Obrigada, Obrigada, Obrigada.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. INTRODUÇÃO	12
1.1 As categorias de interesse: autonomia, adolescência, juventude e sexualidade.....	12
1.2 O contexto do estudo.....	17
1.3 A pesquisa: objetivos e métodos	19
1.4 Adolescentes entrevistados/as	24
CAPÍTULOS 2 - DIREITOS	27
2.1. Adolescentes como sujeitos de direitos.....	27
2.2 Direitos Sexuais e Reprodutivos e adolescência.....	28
2.3 Direitos Sexuais para adolescentes entrevistados/as.....	31
2.4 Reflexões: desafios para adolescente como sujeitos de direitos para exercício da sexualidade.....	32
CAPÍTULO 3 - ADOLESCÊNCIA	35
3.1 A categoria adolescente.....	35
3.2 Ser adolescente para rapazes e moças do Querô.....	36
3.3 Marcas sobre o início da adolescência.	40
CAPÍTULO 4- SEXUALIDADE	42
4.1 O aprendizado da sexualidade entre adolescentes entrevistados/as.....	42
4.2 Gênero, sexualidade e adolescência	52
4.3 Autonomia e Sexualidade: o que pensam os/as entrevistados	55
4.4 A experiência dos/as entrevistados/as	58
CAPÍTULO 5 - O INSTITUTO QUERÔ	62
5.1 A Educação não formal	62
5.2 A educação não formal do Instituto Querô para entrevistados/as.....	63
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
CAPÍTULO 7- PRODUTO	71
8- REFÊRENCIAS	74
ANEXO -I - Roteiro da Entrevista Semiestruturada	85
ANEXO- II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
ANEXO- III – TERMO DE ASSENTMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
ANEXO IV- CARTA DE AUTORIZAÇÃO QUERÔ	93
ANEXO V- QUADRO ILUSTRATIVO DO PROCESSO DE ANÁLISE	94
ANEXO VI – CARTA DE APROVAÇÃO CEP	95

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos/as no Instituto Querô, organização que trabalha com jovens no município de Santos/SP. Procurou examinar o que pensam os/as adolescentes acerca dos Direitos Sexuais e Reprodutivos e sobre o acesso às políticas públicas na esfera da sexualidade. Buscou-se compreender o processo de construção da autonomia destes/as adolescentes na condição de sujeitos de sua própria sexualidade. É uma pesquisa qualitativa que utilizou a modalidade de entrevista semiestruturada para coleta de dados e análise de conteúdo, com abordagem documental e utilização de categorias teóricas para a compreensão dos temas sexualidade, adolescência e autonomia. O estudo revelou que os/as adolescentes pensam de modo distinto sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos, sobre políticas públicas para adolescentes. A autonomia que vivenciam está em processo de construção e ainda agem pautados/as nas decisões dos pais. Os/as adolescentes apontam para falta de transversalidade do tema sexualidade na escola e de uma perspectiva que a reduz à heterossexualidade. O acesso à pornografia destacou-se entre os/as adolescentes, mas foi avaliada negativamente, como incentivo a uma idealização dos corpos e à violência contra a mulher. O estudo apontou que o Instituto Querô promoveu novos conhecimentos aos/as adolescentes, tornando-os mais críticos e reflexivos, sobre seus próprios direitos como sujeitos.

Palavras Chaves: Sexualidade; Autonomia; Adolescência; Educação; Direitos Sexuais e Reprodutivos.

ABSTRACT

This research sought to understand the notion of autonomy in the experience of sexuality among adolescents enrolled in Instituto Querô, an organization that works with young people in the municipality of Santos / SP. It sought to examine what adolescents think about Sexual and Reproductive Rights and about access to public policies in the sphere of sexuality. We sought to understand the process of constructing the autonomy of these adolescents as subjects of their own sexuality. It is a qualitative research that used the semi-structured interview modality for data collection and content analysis, with a documentary approach and the use of theoretical categories to understand the themes sexuality, adolescence and autonomy. The study revealed that adolescents differently think about sexual and reproductive rights, about public policies for adolescents. The autonomy they are experiencing is in the process of being built and is still based on the decisions of the parents. Adolescents point to the lack of transversality of the theme sexuality in school and from a perspective that reduces it to heterosexuality. Access to pornography stood out among adolescents, but was negatively assessed as an incentive to idealize bodies and violence against women. The study pointed out that the Querô Institute promoted new knowledge to adolescents, making them more critical and reflexive, about their own rights as subjects.

Keywords: Sexuality; Autonomy; Adolescence; Education; Sexual Rights and Reproductive Rights.

APRESENTAÇÃO

Inicia-se a apresentação deste trabalho contando sobre a trajetória profissional e os questionamentos que levaram a pesquisadora a produzir esta dissertação. Ao iniciar sua vida profissional como Assistente Social no “Lar das Moças Cegas” percebeu a dificuldade que os/as profissionais tinham em lidar com o tema sexualidade no trabalho com os/as adolescentes para além do modelo de trabalho que enfoca a sexualidade apenas a partir das infecções sexualmente transmissíveis (IST) e da prevenção de uma gravidez não planejada.

No Lar, em parceria com a Terapeuta Ocupacional, abordou a temática da sexualidade junto aos/as adolescentes durante a realização semanal dos grupos. Porém, percebeu-se nitidamente o quanto demonstraram não ter acesso a discussões e informações sobre a temática da sexualidade, adequadas à condição de adolescentes com deficiência visual.

Neste momento, então, o tema do Mestrado Profissional definiu-se a partir da intenção de compreender melhor o universo da sexualidade de adolescentes matriculados/as no Lar das Moças Cegas e, a partir dos resultados, colaborar com a proposição de novas atuações profissionais a partir da discussão sobre o campo da sexualidade.

Entretanto, ao longo da jornada do Mestrado Profissional, muitas mudanças aconteceram. No mês de novembro de 2014 ocorre o desligamento da Instituição Lar das Moças Cegas, forçando uma pausa no projeto para delinear novos caminhos. Em janeiro de 2015, ingressa no Instituto Querô para atuar diretamente com os/as jovens oriundos/as de escola pública dos municípios da região da Baixada Santista e/ou de baixa renda, condições que caracterizavam o público atendido pelo projeto.

Ao ingressar no Querô como assistente social, nos primeiros contatos com os/as jovens do projeto, novamente se apresenta um certo distanciamento deles/as em relação ao tema sexualidade. Durante a atuação no Instituto Querô pôde-se depreender que o projeto de pesquisa do Mestrado Profissional poderia vir a ser algo importante para adolescentes, na medida em que poderia fortalecer questões críticas trazidas por eles para o campo da sexualidade, abrindo um espaço para a fala e para a escuta deles/as sobre o tema, protagonistas em uma experiência que se desdobraria de um projeto de pesquisa. Assim, o projeto foi redefinido para ser realizado com adolescentes do Instituto Querô.

Em Maio de 2015 ocorre uma nova mudança de trabalho e o afastamento do Instituto Querô para atuar como Assistente Social em um abrigo de acolhimento no município de Cajati/SP.

Mesmo aceitando novos desafios em outra instituição decidiu-se, em conjunto com a coordenação do Instituto Querô, por dar continuidade ao projeto já formulado e aprovado pela instituição em razão de julgar importante o seu produto para a formação dos/as adolescentes. Além disso, entendeu-se que o produto final do Mestrado Profissional poderá também ser utilizado com adolescentes de seu atual local de trabalho que, certamente, vivenciam conflitos e incertezas semelhantes aos dos/as jovens do Instituto Querô.

Assim, apesar das mudanças enfrentadas no percurso, este processo caracteriza-se como um trabalho contínuo, que não será encerrado ao final desta pesquisa, uma vez que o produto apresentado como parte da dissertação poderá abrir diálogo com jovens de outras instituições, independentemente da presença e participação da pesquisadora.

Na atual instituição em que trabalha, também é possível que o produto ganhe potência, uma vez que na instituição de acolhimento, aparecem frequentemente questões que envolvem sexualidade de adolescentes que residem no espaço. Espera-se que os resultados do processo de Mestrado Profissional possam ajudar a compreender como adolescentes percebem e vivem a sexualidade e possam também render subsídios para investir no trabalho realizado em instituições que trabalham com adolescentes.

O interesse em pesquisar sobre sexualidade concretiza-se com o ingresso no Mestrado Profissional que instrumentalizará ações também no exercício cotidiano da profissão, pois a sexualidade permeia todos os locais de trabalho que uma Assistente Social possa estar inserida, sejam públicos ou privados. A prática profissional implica em lidar com sujeitos que trazem consigo histórias de vida onde a sexualidade é uma das dimensões constitutivas.

No âmbito pessoal, a sexualidade sempre foi um tema de interesse, por ser um assunto sobre o qual há inúmeros tabus e mitos. Além disso, a proximidade com a temática deu-se também por ser uma pesquisadora jovem. Esta foi uma condição que promoveu maior aproximação e diálogo com os/as participantes do estudo, inclusive no compartilhar de gírias cotidianas do universo juvenil que é familiar para pesquisadora e pesquisadas(os).

A pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional pretendeu também suscitar elementos que possam ajudar a mudar alguns espaços institucionais, trazendo componentes que consideram a sexualidade não como um processo natural, mas como algo construído socialmente, com a participação dos próprios sujeitos jovens. Destaca também a importância de elaborar ações que possam contar com a participação dos/as próprios/as jovens que participam do projeto Querô, especialmente com a proposta para a produção de um vídeo sobre a adolescência e sexualidade, elaborado a partir de percepções e significados apreendidos ao longo da realização do estudo como Produto Final que compõe esta dissertação.

1. INTRODUÇÃO

1.1 As categorias de interesse: autonomia, adolescência, juventude e sexualidade.

As categorias *adolescência* e *juventude*, por suas origens históricas são conceitos diferentes, mesmo que em muitos momentos acabem sendo usadas como sinônimo no cotidiano. A categoria *juventude* tem tomado corpo e estado em foco no Brasil na última década levando, porém, a uma certa confusão com a categoria e conceito de *adolescência*.

Segundo Freitas (2005), no Brasil dos anos 80 até recentemente, o termo adolescência era utilizado predominante no debate público, no campo midiático, nas ações sociais e estatais. Fruto dos movimentos sociais que buscavam a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, criando a concepção de que a adolescência é uma fase especial da vida e do desenvolvimento, e exige cuidados e proteção especial.

No início da década de 90, resultante desta luta, surge o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), onde o adolescente é compreendido como o sujeito que se encontra na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade e colocado como sujeito de direitos, tornando-se uma referência para a sociedade, da imagem da adolescência no Brasil (FREITAS, 2005)

O termo juventude não aparecia na literatura ou no cotidiano quando se referiam a adolescentes, até meados da década de 90, quando uma nova emergência do tema se produz, com problemas sinalizados pelos jovens, como dificuldade de inserção e integração social em uma conjuntura de exclusão decorrente da crise no trabalho, da violência, entre outros. Sendo focado nos jovens que ainda estavam no processo de completar a maioridade aos 18 anos, mas não se sentiam pertencentes ao mundo adulto (FREITAS, 2005).

A discussão sobre os termos adolescência e juventude tem sido feita no campo das ciências sociais, através de diversas linhas de pensamentos expressas em cada uma das terminologias, além do conflito sobre quando utilizá-las; e será um questionamento retomado no decorrer desta dissertação. Segundo Francisco e Groppo (apud, Arroio, 2014) a vida humana é composta por diversas fases, que não são isoladas e sim se complementam nos demais ciclos. Cada tempo da infância, adolescência, juventude, maturidade, velhice contém seu próprio sentido e promove experiências levadas pelos sujeitos no decorrer da vida. Não

sendo apenas etapas evolutivas ou preparatória para as demais, cada tempo humano tem seu próprio valor e sua contribuição.

Os conceitos adolescência e juventude seriam uma construção social, histórica, cultural e relacional. Segundo Bourdieu (2000 p. 164) “La juventud y la vejez no están dadas, sino que se construyen socialmente em la lucha entre jóvenes y viejos”. Ainda segundo este autor, a juventude seria como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns, interligados com uma faixa etária. Para o autor, a categoria juventude só teria sentido dentro de um critério etário, não fazendo sentido se pensar isoladamente estes indivíduos.

“ Hay que considerar también el hecho generacional: la circunstancia cultural que emana de ser socializado con códigos diferentes, de incorporar nuevos modos de percibir y de apreciar, de ser competente en nuevos hábitos y destrezas, elementos que distancian a los recién llegados del mundo de las generaciones más antiguas.”
(BOURDIEU, 2000, p.4)

A categoria juventude está relacionada com a questão de gênero e o modo como aquele corpo é compreendido em dada sociedade e cultura. Ou seja, a juventude é compreendida de maneira diferente para as mulheres e para os homens; há estéticas e papéis juvenis socialmente construídos para estes diferentes sujeitos. Há diferença entre homens e mulheres de classes altas e baixas, como se percebem e como a sociedade os veem neste momento da vida. Para Margus e Urresti (1996), a juventude estaria ligada a uma construção, podendo existir diferentes juventudes dentro de uma mesma sociedade e o que uniria esta juventude seria a questão geracional, pois todas as outras condições diferenciaram estes sujeitos dos demais.

Segundo Peralva (1997), a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Dependendo de cada tempo histórico, mudanças físicas e psicológicas, são representadas de formas distintas pelos diversos grupos sociais. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais, culturais e de gênero. A temática da juventude está relacionada a diversas questões sociais como política, classes sociais, etnia, escolaridade, gênero e outras questões que diferenciem os jovens uns dos outros.

Para Dayrell & Carrano (2014), atualmente se nomeia a adolescência referindo-se ao início da juventude, sendo marcada pela puberdade, hormônios e mudanças corporais. Porém, não se tem um padrão esperado a respeito do final da juventude e da passagem para a vida adulta.

Por sua vez, a categoria adolescência se identifica mais com o campo da psicologia, onde o conceito estaria relacionado às transformações corporais ocorridas na puberdade e o modo como este sujeito constrói uma nova imagem corporal. A adolescência, diferente da puberdade, é um fenômeno cultural e consiste no processo no qual se adquirem as características psicológicas e sociais na condição adulta, conforme Francisco & Groppo (apud MOREIRA et al, 2011).

Segundo Freitas (2005), a psicanálise compreende a adolescência como um processo de desenvolvimento que acontece no período da puberdade, que leva a uma modificação do equilíbrio psíquico, produzindo assim uma vulnerabilidade da personalidade. Para Francisco e Groppo (2016), as diferentes adolescências, sendo reconhecidas nas particularidades de cada sujeito, muito preocupam o modo neoliberal capitalista de conduzir os meios culturais e institucionais para a homogeneização desse grupo de indivíduos. Há uma tendência cultural, própria do capitalismo de padronização dos comportamentos vividos pelos adolescentes.

Para Reichert (2006), o sujeito adolescente é autor e ator de sua história e das diferentes histórias sociais em que está envolvido, na medida em que são múltiplas as influências dos diversos sistemas dos quais participa. Para compreender o potencial autônomo deste sujeito, é fundamental compreender que tipo de relações estabelece em sua vida social.

Nesta perspectiva, a autonomia é construída pelo/a próprio/a adolescente, na medida em que existe uma relação com o seu mundo subjetivo, com sua própria auto-organização e com as condições externas em que ele(ela) se desenvolve. Para Spear & Kulbok (2004), a autonomia na adolescência seria um processo contínuo e ativo que envolve manutenção do equilíbrio entre o desejo de independência e sua própria aquisição e a ligação entre família e sociedade. Conforme ocorre o aumento da independência, a autonomia torna-se um componente crucial, pois ser autônomo significa mais do que ser independente.

A autonomia é uma categoria multidimensional, sendo composta por três outras categorias: emocional, comportamental e de valores. Sendo assim, a autonomia emocional refere-se aos sentimentos pessoais e emocionais, mudanças na relação de dependência dos pais, para a busca de suporte emocional nos outros. A autonomia de valores seria em relação a atitudes e decisões independentes no que se refere à política, religião, opções acadêmicas e morais. Por autonomia comportamental, compreende-se a aptidão de tomar decisões por si próprio e a concretização das mesmas (SILVERBERG & STEINBERG, 1986).

Segundo Fleming (1998), a sociedade espera que seus membros adultos sejam autossuficientes e que seus membros adolescentes tornem-se autônomos neste período de crescimento, desenvolvimento e socialização. Embora haja grande fortalecimento da autonomia durante a adolescência, é importante ressaltar que esse é um processo que acontece desde as primeiras fases da vida. Sendo assim, a autonomia é um processo paulatino e diário.

Entretanto, para o pleno exercício da autonomia, é necessário que certas habilidades sejam aperfeiçoadas neste período. A família tem papel importante neste processo, sendo necessário mudanças que possibilitem maior independência e autonomia aos adolescentes. Tais mudanças dizem respeito a autoridade, disciplina, estilo de vida, estilo de educação, de comunicação e principalmente de adaptação. Essa adaptação, será essencial para que o adolescente consiga enfrentar novos desafios e demandas e fazer com que os pais permitam que eles assumam novos papéis os enredos de suas vidas.

Sendo assim, esse movimento não é unilateral. Neste momento, tanto os adolescentes como seus familiares são protagonistas nas mudanças que aconteceram. Para além dos pais, a comunidade em que vivem, profissionais da rede que os atendem e professores terão importante participação no processo de construção da autonomia (CARONI, 2012).

Reichert (2007) atenta que para conhecer o potencial autônomo deste sujeito adolescente, deve-se observar as conexões que ele estabelece na vida social, uma vez que o desenvolvimento da autonomia ocorre por meio das relações com o mundo exterior no qual se envolve e o mundo interior deste sujeito.

O contexto sociocultural no desenvolvimento dos/as adolescentes é de extrema importância, sendo a autonomia um processo dinâmico, que se transforma e ocorre em diferentes níveis de realidade (CARONI e BASTOS, 2015). Conforme Novaes (2006), adolescentes com idades semelhantes vivem adolescências desiguais, como situações de violência, precariedade na infraestrutura, e ausência de perspectivas acadêmicas, podem ser fatores limitantes na consolidação de projetos de vida e no desenvolvimento pleno da autonomia.

Ao realizar um resgate histórico dos direitos da criança e do adolescente, percebe-se que apenas nos anos de 90 a comunidade internacional adotou a Convenção sobre os Direitos da Criança, quebrando antigas percepções sobre o papel das crianças e adolescentes e absorvendo princípios básicos que passam a concebê-los como sujeitos de direito com

autonomia. É nesse momento que se reconhece também que dignidade e protagonismo infanto-juvenil devem ser sempre priorizados (MATTAR, 2008).

Na adolescência, a sexualidade se apresenta como uma das esferas para se conquistar a autonomia individual em relação à família, quando é construído um espaço privado que pressupõe um novo aprendizado sobre relacionamentos em âmbito afetivo e sexual. Os modos de interação sexual derivam de prescrições culturais que mudam conforme o decorrer do tempo histórico, contexto social e o gênero (HEILBORN et al, 2006).

A sexualidade pode ser entendida como um processo de aprendizagem, resultante da articulação entre a sociedade e a trajetória individual e biográfica dos indivíduos. Nesse sentido, a sexualidade espalha-se nas múltiplas e diferentes socializações que o indivíduo experimentará ao longo da vida, na família, na escola, nos meios de comunicação e redes de amizade (SEHNEM et al, 2014).

A concepção que se adota de sexualidade compreende que ela se define para além dos aspectos biológicos, envolvendo rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções sociais, começando pela própria concepção de corpo. Os corpos ganham sentido socialmente assim como as concepções de gênero, feminino ou masculino, a partir da cultura. Portanto, as formas de expressar os prazeres ou a forma como se vivencia estes prazeres são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas através das relações sociais e moldadas pelas redes de poder vigentes (LOURO, 2001).

Nesta perspectiva, a pesquisa, ao trabalhar com a sexualidade entre adolescentes, também levou em conta dados sobre as infecções sexualmente transmissíveis entre a população jovem. No Estado de São Paulo, o Ministério da Saúde e a Secretaria de Saúde Estado da São Paulo publicou em 01 de dezembro de 2016 a seguinte notícia: “Mortalidade por Aids cai mas infecção entre jovens gays cresce em SP” destacando o aumento do HIV entre jovens gays. Entre os jovens de 15 à 19 anos, a taxa por faixa etária cresceu de 7,4 para 20,6 casos entre 2010 e 2015 (Secretaria de Estado da Saúde, 01/12/2016, p. 01). O Jornal A Tribuna, da região metropolitana da Baixada Santista, publicou em 19 de abril de 2016 uma reportagem com os seguintes dados: “A cada dia útil do ano, uma pessoa é diagnosticada com o vírus HIV no município de Santos”. O grupo principal de pessoas infectadas tem a faixa etária de 25 a 39 anos e sua grande maioria são de homens que fazem sexo com homens. No

ano de 2015 foram totalizados 278 pessoas infectadas pelo vírus no Serviço de Atenção Especializada da Rede Municipal de Saúde (A Tribuna, 19/04/2016, p. 01). No município de Santos, existem 51 mil habitantes com a faixa etária de 15 à 24 anos, o que significa que a população jovem, com vida sexual ativa é um número significativo no município, indicando a necessidade de desenvolver ações pontuais sobre temática da sexualidade.

Altmann & Martins (2007), apontam para a importância de diversos enfoques e diferentes maneiras de tematizar a sexualidade e transformá-la em foco de intervenção na vida dos/as jovens, através das escolas, parâmetros e propostas curriculares, cursos de educação à distância, programas sociais, políticas públicas, matérias de jornais e programas de televisão voltados a jovens.

Para Foucault (1997, P. 31), a educação escolar tornar-se uma estratégia central para que se efetivem os discursos em torno da sexualidade, “A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se construíram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas”.

1.2 O contexto do estudo

O estudo foi desenvolvido junto a adolescentes do Instituto Querô que fica na cidade de Santos, um dos municípios que compõe a região da Baixada Santista junto com Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande e São Vicente. Residem na região cerca de 1.813.003 de pessoas, são cidades com economias distintas, como turismo, polo industrial, pesca, parques ecológicos. Santos é um município de característica portuária, sendo a referência econômica da Região da Baixada Santista. Abriga o maior porto da América Latina, sendo responsável pela dinâmica econômica da cidade, junto com o turismo. A cidade de Santos possui 419.400 habitantes (SANTOS, 2017)

No município de Santos, segundo o Conselho Municipal da Juventude, as políticas para juventude no campo da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens contam com atividades desenvolvidas nas próprias Unidades Básicas de Saúde do município, no intuito de que eles/as aprendam sobre prevenção da gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis. Ainda neste sentido, existem entidades do terceiro setor no município de Santos, que realizam atividades que buscam a autonomia dos/as adolescentes através das discussões sobre política e cidadania.

O terceiro setor é constituído por organizações não governamentais e sem fins lucrativos

que têm como objetivo gerar serviços de caráter público que não são fornecidos pelo governo no município. Todas essas atividades ofertadas aos/as jovens, através das entidades do terceiro setor, são reguladas e fiscalizadas através do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA). O Conselho participa da formulação e definição da política municipal para garantia dos direitos da criança e do adolescente, procede o registro de todas as entidades não governamentais no Município e controla e fiscaliza o emprego e a utilização dos recursos destinados ao fundo financeiro que é transferido para as entidades que têm projetos inscritos no CMDCA.

Entre as organizações que lidam diretamente com o público adolescente de 14 à 18 anos, destaca-se o Instituto Querô que utiliza o audiovisual como estratégia de acesso à condição de cidadania e direitos. É uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, sem fins lucrativos, que desenvolve projetos utilizando o audiovisual como ferramenta para transmitir novos valores, desenvolver o empreendedorismo e promover a capacitação e o acesso de jovens em situação de risco social ao mercado de trabalho.

O Instituto Querô seleciona 40 jovens matriculados/as nas redes públicas de ensino, através de um processo de seleção com duas etapas, sendo que na primeira cada jovem assume uma função na gravação de um curta metragem e neste processo são avaliadas as habilidades e criatividade dos/as jovens com os equipamentos de audiovisual. A segunda etapa, que acontece anualmente no Sesc de Santos, são realizadas discussões sobre temas polêmicos e onde se acompanha o desenvolvimento e participação dos/as jovens interessados durante esta atividade.

Além das turmas regulares, o Querô atua com um projeto chamado “Querô na Escola” onde realiza atividades com adolescentes em escolas públicas de Cubatão e Santos. Realizam 06 visitas às escolas escolhidas, onde selecionam adolescentes para escrita de roteiros de audiovisual posteriormente gravação onde trabalham temas que consideram importante que outros/as adolescentes assistam.

A escolha de trabalhar com o Instituto se deu também por conta de sua abordagem diferenciada, entendida como uma alternativa capaz de fortalecer o investimento nos/as adolescentes como sujeitos que fazem escolhas. A abordagem audiovisual traz novas possibilidades no campo da aprendizagem, atuando sempre coletivamente. Os/as adolescentes produzem curtas-metragens que são de interesse comum, discutidos e

decididos ao longo das atividades realizadas nas aulas, onde levantam questões que precisam ser debatidas por toda a juventude. Estes/as adolescentes, através do projeto Querô, tornam-se multiplicadores/as de informações e são formados/as em uma perspectiva crítica para disseminar ideias debatidas e seus curtas-metragens.

O desenvolvimento da pesquisa teve como perspectiva a possibilidade de utilizar seus resultados para ajudar no fortalecimento da autonomia na esfera da sexualidade na vida dos/as jovens do Querô. Nesse sentido, é importante descrever que o processo de mobilização para o tema e a própria pesquisa foram disparados por várias indagações: os/as adolescentes assistidos/as pelo Instituto são autônomos/as nas suas escolhas quando se trata do exercício da sexualidade? Conhecem os direitos sexuais e reprodutivos? Se reconhecem como sujeitos destes direitos? Têm acesso a políticas públicas? Conseguem realizar escolhas a partir do pensamento crítico, quando se trata do exercício da sexualidade?

Assim, o estudo definiu buscar compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos/as no projeto Querô no município de Santos/SP.

1.3 A pesquisa: objetivos e métodos

O objetivo geral da pesquisa foi compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos/as na Turma Básica do Instituto Querô. Como objetivos específicos, investigar o conhecimento dos/as adolescentes sobre direitos sexuais e reprodutivos, o acesso que têm às políticas públicas que procuram garantir os Direitos Sexuais e Reprodutivos e identificar, a partir dos/as sujeitos, caminhos possíveis para investir na autonomia para o exercício da sexualidade por parte dos/as adolescentes.

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa porque, segundo Mynaio (2011), tem o verbo “compreender” como verbo principal, ou seja, uma abordagem que procura exercer a capacidade de colocar-se no lugar de quem se pesquisa, levando em conta necessariamente, para esse exercício, a singularidade do indivíduo. Através da subjetividade pode-se compreender a história da pessoa e a sua experiência de maneira interligada à história coletiva, contextualizada e envolvida pela cultura do grupo. Quando se busca compreender, é preciso exercitar o entendimento das contradições relacionadas aos efeitos das

relações de poder, das relações sociais e de produção, das desigualdades sociais e dos interesses em jogo.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais que foram gravadas e posteriormente transcritas. Como ponto de partida, foi elaborado um roteiro (Apêndice I) com questões disparadoras para a narrativa dos indivíduos, abordando aspectos centrais da vida e sua relação com sua sexualidade, procurando entender o papel das políticas públicas, da família e da sociedade neste processo. Não necessariamente seguiu-se a ordem do roteiro pois, a cada entrevista, surgiram novos questionamentos e reflexões vindos tanto da pesquisadora como dos/as entrevistados/as.

Para Queiroz (1988) a entrevista semiestruturada seria uma técnica para se coletar dados onde se supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser conduzida de acordo com seus objetivos. A entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, baseados em teorias e questões relacionadas a linha de pesquisa trabalhada e que oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão aflorando à medida que se recebe as respostas do entrevistado. As questões são formuladas a partir de toda a teoria acumulada pelo pesquisador e sua vivência naquele campo (MARTINS & BOGUS, 2004).

As entrevistas semiestruturadas realizadas com os/as adolescentes da Turma Básica¹ do Instituto Querô foram gravadas com a devida autorização e, posteriormente, transcritas literalmente no sentido de preservação da integridade dos dados coletados. De acordo com Gil:

“O entrevistador deverá ser bastante habilidoso ao registrar as respostas, deverá ter a preocupação de registrar exatamente o que foi dito. Deverá ainda garantir que a resposta seja completa e suficiente. Será ainda conveniente ao ser capaz de registrar as reações do entrevistado às perguntas que são feitas. A expressão não verbal do entrevistado poderá ser de grande utilidade na análise da qualidade das respostas.” (GIL, 1999, p.94).

Dentro de um universo de 40 adolescentes matriculados/as na Turma Básica do Querô, foram realizadas 7 entrevistas. A proposta inicial era realizar em torno de 10 entrevistas, considerando que possivelmente este número seria suficiente para garantir uma certa variedade de sujeitos do universo da turma, considerando, por exemplo, distintos municípios de moradia, diferentes escolas e núcleos familiares com características variadas.

¹ A Turma Básica seria a porta de entrada no Instituto Querô e tem duração de um ano.

A proposta de pesquisa foi apresentada à Coordenação do Instituto Querô quando foram pactuadas suas etapas e cronograma de atividades junto a Turma básica. Após esta etapa e também depois da aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, o trabalho de campo foi iniciado. O estudo foi apresentado para o total de 40 jovens dos quais, apenas 7 aceitaram participar do estudo, sendo 4 meninas e 3 meninos.

As entrevistas foram agendadas através de contatos telefônicos e aplicativos de mensagem conforme a disponibilidade de horário e dia de cada adolescentes. Foram agendadas e realizadas durante o período vespertino, em salas da UNIMONTE, universidade parceira do Instituto Querô que oferta curso de audiovisual, localizada em Santos, e também foram realizadas entrevistas no Instituto Querô, sempre garantido as condições mínimas de privacidade para realização da entrevista. Apesar disso, algumas vezes, as entrevistas realizadas no Instituto Querô foram interrompidas o que, entretanto, não comprometeu negativamente o processo. Todos/as concordaram que as entrevistas fossem gravadas, mas 4 entrevistados/as pediram que seus nomes originais não fossem associados ao conteúdo de suas entrevistas, conforme previsto no Termo de Assentimento e no Termo de Consentimento. Além de ser pactuado junto ao Querô, o projeto foi submetido à aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de São Paulo, Plataforma Brasil.

A baixa adesão por parte dos/as adolescente, assim como a preocupação com o sigilo, podem estar relacionadas à temática de interesse da pesquisa. Experiências anteriores já tinham constatado barreiras para adolescentes do Instituto dialogarem sobre o tema sexualidade com pessoas adultas.

Outra questão que se apresentou, foi a ambiguidade da condição de jovem da pesquisadora diante de outros/as jovens, ainda mais jovens. Além da questão etária, a pesquisadora jovem era uma pesquisadora (portanto, com mais estudo) e que havia trabalhado lá. Essa condição de ambiguidade pode ter favorecido também a baixa adesão ao projeto, pelo receio diante de uma outra condição juvenil.

O projeto foi apresentado em uma reunião de equipe e tanto a Direção do Instituto Querô como outros/as funcionários/as ficaram entusiasmados/as com a realização da pesquisa e compreenderam a importância que os resultados poderiam trazer para o amadurecimento das ações desenvolvidas no Instituto.

Para apresentar a proposta aos/as adolescentes, a pesquisadora participou de uma aula no período vespertino onde expôs a pesquisa e no que consistia a participação na mesma. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para todos os/as jovens e foi pedido a professora responsável pela turma básica que recebesse os termos assinados pelos pais ou mães e pelos/as próprios/as adolescentes e entregasse nos dias agendados para a pesquisadora. Os/as adolescentes que concordaram em participar do estudo tiveram acesso à leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo II) que foi assinado por eles/elas, assim como o Termo de Consentimento foi assinado pelos/as os/as adultos/as responsáveis.

Muitos/as adolescentes fizeram perguntas sobre a pesquisa e suas finalidades e qual seria a importância deles/as neste processo. Aproveitando a conversa, foi exposto acerca do produto final pretendido, ou seja, a produção de um vídeo em parceria com os/as próprios/as adolescentes, baseado nos tópicos relevantes das entrevistas que se pretendia realizar com eles/elas.

Ademais, os/as adolescentes já conheciam a pesquisadora do período em que havia trabalhado no Instituto Querô e muitos/as já haviam conversado com ela sobre fatos de suas vidas pessoais. Isto pode ter sido um facilitador para que rapazes e moças entrevistados/as tenham se sentindo confortáveis em conversar sobre sexualidade e também sobre escola, família, amigos, saídas aos finais de semana e outros temas.

No momento de recrutar os sujeitos para participação no estudo, ficou perceptível a união que existe entre equipe profissional do instituto e os/as jovens. Alguns/mas dos/as jovens que não se dispuseram a participar, justificaram e também indicaram interesse em auxiliar a pesquisa em outros momentos, como entrar em contato com jovens quando a pesquisadora não conseguia, acompanhá-los/as até a UNIMONTE para que não fossem sozinhos/as ou perguntar sobre o estudo em diversos momentos.

Em algumas entrevistas, certos momentos compartilhados com a pesquisadora foram emocionantes. Alguns/mas adolescentes falaram que não se sentiam confortáveis para falar deste tema por estarem vivendo algumas crises relacionadas à sexualidade. Outros/as falaram sobre a dificuldade em manter diálogos com a família e falar sobre suas experiências sem serem julgados /as, o que acabava levando a viverem uma vida paralela em outros espaços.

Conhecer os/as entrevistados/as deste estudo foi um processo que se deu a partir da pesquisa, da realização das entrevistas, mas também pela memória da pesquisadora, na condição de assistente social do Querô e da experiência de aproximação das famílias dos/as adolescentes, realizando visitas domiciliares, o que permitiu conhecer a realidade e aproximar-se do universo pesquisado, antes mesmo de iniciar a pesquisa. As visitas domiciliares permitiram conhecer pais, mães ou outros responsáveis pelos/as adolescentes e, portanto, de ter algum contato com a história deles/as e das famílias. Assim, neste estudo, o papel profissional-pesquisadora permitiu conhecer e descrever um pouco mais do contexto de alguns dos/as interlocutores/as. Mas, ressalta-se mais uma vez, que esta aproximação também impôs desafios e limites na relação de confiança para falar de questões da intimidade entre os/as adolescentes e a pesquisadora (que era assistente social) que conhecia seus familiares.

O trabalho de campo acabou endossando aquilo que havia sido a principal motivação para desenvolver o estudo, ou seja, a carência de espaços onde adolescentes sintam-se confortáveis para discutir sexualidade com pessoas nas quais confiam. Também mostrou que tais espaços podem ser construídos nos ambientes escolares, familiares e até em roda de amigos/as. Em alguns momentos foram expostos problemas pessoais ou familiares de um modo que pareciam esperar alguma atitude da pesquisadora que, na leitura deles, antes de ser uma pesquisadora, era a profissional que já trabalhou no Instituto. Ou seja, parecia haver uma expectativa de que encaminhamentos para outros serviços públicos, como saúde, educação e assistência social fossem realizados.

As entrevistas foram analisadas utilizando-se da técnica de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas de análise da comunicação que se constitui de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens que busca por indicadores que permitam obter conhecimentos relativos às condições de produção e recepção de cada mensagem (MINAYO apud BARDIN, 2010). Entre as várias modalidades da técnica de análise de conteúdo optou-se pela análise temática que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”. (MINAYO, 2010, p. 315).

No decorrer do processo de entrevistas e transcrições foram realizadas e repetidas, várias leituras flutuantes que permitiram identificar prevalência de alguns temas norteadores da pesquisa, originando os eixos temáticos, uma categorização portanto que, segundo Minayo

(2007), consiste no processo de reduzir o texto à palavras e expressões que tenham significados ao pesquisador.

Os Eixos Temáticos foram desmembrados em subcategorias que orientaram e organizaram a leitura analítica de cada entrevista e do conjunto delas e também serviram para e a reflexão contida neste trabalho.

O Eixo Adolescência foi trabalhado na perspectiva da construção histórica e social da categoria adolescência e a percepção sobre tornar-se adolescente e sobre cenas que marcaram o início deste momento para cada entrevistado/a, como subcategorias analíticas do Eixo. A sexualidade como Eixo, desdobrou-se nas subcategorias de aprendizado da sexualidade na escola e na família, na internet e pornografia. Também foi discutida a partir das questões de gênero, dos Direitos Sexuais e Reprodutivos. O Eixo autonomia, foi desenvolvido tendo como subcategorias a relação com o pai e mãe e o modo como essa relação interfere no processo de construção da autonomia, e também o papel da escola neste processo. O Eixo Instituto Querô dividiu-se nas subcategorias educação não formal e a experiência para eles/as que vivenciaram estarem inseridos neste projeto. Os Eixos Temáticos e suas subcategorias foram utilizados na análise dos dados e na discussão que aparecem nos capítulos Direitos, Adolescência, Sexualidade e Instituto Querô.

Para realizar o trabalho de análise de conteúdo das entrevistas foi elaborado um Quadro Analítico onde foram organizados os Eixos Temáticos identificados, relacionando com trechos das entrevistas e referencial bibliográfico. A ideia do Quadro foi permitir visualizar melhor o conteúdo do material coletado e o referencial teórico que dialogava com a categorização².

1.4 Adolescentes entrevistados/as

O primeiro entrevistado foi Felipe³ que tem 17 anos, residente da cidade de Santos, no bairro São Bento, região periférica formada pelos morros. A casa onde mora é alugada e pequena. No momento da entrevista, estava morando com a mãe, para facilitar a frequência na escola que estuda. A mãe é quem mantém a casa, com renda de um pequeno comércio próprio, localizado no mesmo bairro. Anteriormente, o rapaz residia com o pai, com quem

² No anexo V encontra-se fragmento do Quadro analítico para melhor ilustrar o processo de análise realizado.

³ Os nomes utilizados são fictícios de forma a garantir sigilo e anonimato.

tem maior vinculação, mas a transferência de escola e a inserção no projeto Querô fizeram com que tenha decidido mudar-se. O entrevistado se reconhece como negro e se declara bissexual, sendo que no momento da entrevista, estava em um relacionamento com rapaz.

Alice tem 16 anos, reside em Santos, no bairro do Embaré com a mãe e o irmão de 22 anos. O apartamento onde vivem é alugado e pequeno, com 4 cômodos. O rendimento majoritário na residência é da mãe, que trabalha como autônoma no ramo de estética e é complementado pelo irmão, através de empregos informais que realiza em bares no período noturno. Alice mantém pouco contato com o pai, devido à violência que a família viveu com ele. O pai, inclusive, respondeu judicialmente pelas agressões e mora longe da família, no interior do Estado de São Paulo. A adolescente estudou em escola particular durante toda a sua vida e agora está cursando o ensino médio na escola pública técnica de Santos. A adolescente considera-se branca e se identifica como bissexual.

Marcelo tem 18 anos e mora com os pais e dois irmãos mais novos em Praia Grande, no bairro Maracanã, considerado uma região periférica do município. Descreveu sua casa como sendo pequena para abrigar todos que residem naquele espaço. Atualmente, o pai encontra-se afastado do trabalho por questões de saúde, mas é o responsável pela manutenção da casa. O rapaz não está mais cursando a escola, pois se formou em 2015. Após o adoecimento do pai, assumiu, junto com a mãe, as tarefas domésticas e os cuidados com os irmãos. O adolescente identifica-se como heterossexual e branco.

Franciele, de 16 anos, mora na cidade de Santos, no bairro da Aparecida. O apartamento é alugado e divide com a mãe e o irmão mais novo de quem é auxiliar nos cuidados. Estuda em escola pública no mesmo município, sendo uma aluna dedicada aos estudos. Possui contato com o pai, que reside nos Estados Unidos, mas no momento não recebe a pensão alimentícia para dividir com a mãe as despesas da casa, como os custos da locação do imóvel e sustento de todos. A mãe recebe salário de professora de uma academia de musculação e outras atividades físicas. Franciele considera-se branca e se identifica como pansexual.

Fernando, de 18 anos, reside no município de São Vicente, no bairro Náutica 3 com pai e mãe. Ambos trabalham, mas o maior rendimento é do pai. Estuda em escola pública na região periférica de São Vicente e não se vê como alguém dedicado aos estudos. Pretende

cursar cinema quando terminar o ensino médio. Identifica-se como heterossexual, apesar de já ter tido experiência com meninos. Considera-branco.

Elaine tem 16 anos, mora no município de Santos, no bairro Aparecida com a mãe. Mantém contato diário com o pai que, apesar de não morar, é muito presente em sua vida. A casa onde mora com a mãe é própria e foi adquirida pelos pais, quando estavam casados. Dentro de casa, a mãe é a maior responsável pelas despesas, mas o pai contribui com pensão e outros tipos de ajuda, quando necessário. Elaine faz diversas atividades extracurriculares, como ballet, violão, línguas estrangeiras, além de outras oficinas que se matricula conforme o seu interesse. Considera-se negra e heterossexual.

Mariana é uma adolescente de 17 anos, residente do município de São Vicente, no bairro periférico México 70. Mora com a mãe, irmão mais velho e irmã mais nova. Fala diariamente com o pai, que ajuda financeiramente toda família, inclusive a mãe, que tem a responsabilidade direta de arcar com as necessidades básicas dos filhos. Ela estuda em uma escola pública, perto da sua residência. Considera-se negra e identifica-se como heterossexual.

CAPÍTULOS 2 - DIREITOS

2.1. Adolescentes como sujeitos de direitos

A ampliação dos direitos humanos no sentido de incluir as crianças e adolescentes começou a se concretizar a partir do século XX, em acordos internacionais e normas nacionais criadas a contar do final dos anos 1980. Neste período ocorreu a mudança de como a família, sociedade e as comunidades devem lidar com as etapas da vida. (VENTURA et al, 2006)

Em julho de 1990, o Brasil lança o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde pela primeira vez, esses sujeitos de direitos aparecem como protagonistas e reconhecidos como pessoas com autonomia para suas escolhas. Segundo Mello (1999), o Estatuto busca garantir que nenhuma criança ou adolescente seja objeto de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Após a formulação do ECA emergem discursos sobre o protagonismo juvenil, empoderamento dos jovens e debates sobre o conceito de juventude. Em 2006 surge a Política Nacional de Juventude e, em 2011, o Estatuto da Juventude, contemplando cerca de 51 milhões de brasileiros (ZANELLA et al, 2013). É voltado para pessoas com idade de 15 a 29 anos, não conflitando com o ECA, que protege adolescentes até os 18 anos.

O Estatuto da Juventude prevê diretrizes a serem observadas pelos agentes públicos, diretamente ligadas às políticas públicas de juventude, para além de contemplarem o jovem nos aspectos físico, social, político e econômico, ainda visa promover a integração e participação em diversas ações junto ao Estado e comunidade. Além dos benefícios, o documento ainda demanda a criação do Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve) para organizar no país, de maneira participativa, o planejamento e a implementação de planos e programas que constituem as políticas públicas de juventude (BRASIL,2014).

Os direitos e as políticas públicas são orientados por princípios que devem assegurar que os direitos fundamentais dos jovens sejam cumpridos. Entre eles destaca-se o direito: à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil; à educação; à profissionalização; ao trabalho e a renda; à diversidade e à igualdade; à saúde (BRASIL,2014).

Diferente do que acontece com o ECA, o Estatuto da Juventude aborda temas relativos a saúde sexual e reprodutiva de jovens. O Estatuto também preocupa-se com a inclusão do tema saúde sexual e reprodutiva nos projetos pedagógicos em diversos níveis de ensino, atingindo de forma transversal os adolescentes.

Nesta perspectiva, o Estatuto da Juventude pincela o assunto da sexualidade relacionando-o com alguns assuntos pontuais, como saúde sexual e reprodutiva, com enfoque na questão de gênero e dos direitos no projeto pedagógicos nos mais diversos níveis de ensino da rede (BRASIL, 2013). Na seção V do Estatuto da Juventude explicita-se da seguinte maneira:

“Art. 19. O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral.”

“III - desenvolvimento de ações articuladas entre os serviços de saúde e os estabelecimentos de ensino, a sociedade e a família, com vistas à prevenção de agravos;”

“IV - garantia da inclusão de temas relativos ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas, à saúde sexual e reprodutiva, com enfoque de gênero e dos direitos sexuais e reprodutivos nos projetos pedagógicos dos diversos níveis de ensino;”

“V - reconhecimento do impacto da gravidez planejada ou não, sob os aspectos médico, psicológico, social e econômico;”

“VI - capacitação dos profissionais de saúde, em uma perspectiva multiprofissional, para lidar com temas relativos à saúde sexual e reprodutiva dos jovens, inclusive com deficiência, e ao abuso de álcool, tabaco e outras drogas pelos jovens;” (BRASIL, 2013).

O Estatuto da Juventude preocupa-se em direcionar questões para a prevenção e promoção da saúde e a capacitação da equipe que irá direcionar os atendimentos a estes/as jovens nos serviços de saúde.

2.2 Direitos Sexuais e Reprodutivos e adolescência

Tanto a Convenção Internacional dos Direitos da Infância quanto o ECA possuem limitações, na neutralidade sobre a questão de gênero, não contendo definições expressas

passíveis de tratar de forma adequada a desigualdade entre meninos e meninas. O segundo ponto que chama a atenção, seria referente a tutelas e liberdades, pois uma das expressões da desigualdade de gênero é o diferencial de autonomia entre homens e mulheres. Para além disto, o Estatuto carece de conteúdos referentes à sexualidade e reprodução entre adolescentes, que não sejam aquelas relacionadas ao abuso e exploração sexual (VENTURA et al, 2006).

A legislação vigente, tanto no país como fora, revelam que o modo como se aborda a sexualidade ainda enfatiza os aspectos patológicos e a reprodução, não se voltando aos aspectos positivos do exercício da sua sexualidade e reprodução nesta fase da vida. Nesse sentido, o desafio para garantia de adolescentes como sujeitos de direito também está nas orientações que permitem o exercício da cidadania por este grupo social (MATTAR, 2008).

No plano internacional, essas deficiências vêm sendo superadas a partir de marcos importantes nas definições adotadas nos documentos da Conferência de População e Desenvolvimento de 1994 e Conferência Mundial da Mulher em 1995, documentos nos quais os capítulos e seções sobre os direitos sexuais e reprodutivos, contém medidas específicas voltadas para as meninas. Apesar de os documentos destas Conferências não serem considerados leis internacionais que vinculam os sistemas legais, como são as Convenções Internacionais dos Direitos das Crianças e Adolescentes, seu conteúdo tem sido sinalizado nas recomendações dos Comitês de Vigilância de Direitos Humanos, cujos países signatários encontram-se vinculados, como o Brasil (MATTAR, 2008).

Na legislação Brasileira, a controvérsia está relacionada a definição legal de capacidade para o exercício dos próprios direitos. No Código Civil Brasileiro o adolescente só é pleno para os atos da vida civil aos 18 anos, podendo ter um exercício relativo a partir dos 16 anos. No Código Penal é proibido manter relações sexuais com qualquer pessoa com idade menor a 14 anos, implicando a prática em presunção de violência (VENTURA et al, 2006).

No tocante aos Direitos Sexuais e Reprodutivos, a Cartilha do Ministério da Saúde sobre a temática sexualidade de um modo geral, perpassando por todas as faixas etárias, vislumbra primeiramente o planejamento familiar, principalmente na vida adulta. No capítulo que trata sobre adolescência e sexualidade, é descrito que a principal faixa etária de atuação deve ser entre os 10 e 15 anos, visto que as expectativas familiares e sociais sobre essa faixa

não incluem a maternidade ou a paternidade e as consequências indesejáveis que a gravidez pode acarretar para os adolescentes (BRASIL, 2005).

Sendo assim, o Ministério da Saúde direciona o olhar para a saúde dos/as adolescentes através da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens. Esta política se propõe a “ter como diretrizes envolver os sujeitos e coletivos, desenvolvendo a autonomia e participação conjunta na construção de ambientes saudáveis que reduzam o adoecimento e comprometam a todos na integração e no desenvolvimento das ações” (BRASIL, 2010)

Esta política, vislumbra o planejando de ações de promoção para a saúde dos/as adolescentes em que se desenhe os projetos de vida que eles desejam para si, o contexto sociocultural e econômico, o desenvolvimento da cultura de paz promovida em trabalhos articulados com escolas, comunidade e famílias. Englobando diversos temas em relação a saúde dos adolescentes, como Participação Juvenil, Equidade de Gênero, Direitos Sexuais e Reprodutivos (BRASIL, 2010).

Desta forma, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens, define saúde sexual e saúde reprodutiva como uma das três linhas prioritárias de ação, a partir da relevância da atenção à saúde dos/as adolescentes (BRASIL, 2010)

Busca-se outros horizontes para além do enfoque na gravidez na adolescência quando se trata de saúde sexual e reprodutiva. Por exemplo, a garantia do livre exercício da sexualidade e da autonomia para que sujeitos jovens tomem decisões no que se refere a sua vida sexual e à reprodução, bem como assumam as responsabilidades dessas decisões. Ao falar de livre exercício da sexualidade, significa crer que estes sujeitos devem ter acesso à informações e garantia de direitos para que possam tomar decisões, baseados numa ética pessoal e numa ética social, onde seja assegurado a sua integridade e sua saúde (DIAZ et al, 2004).

No município de Santos, onde a pesquisa foi realizada, a rede de saúde aborda a saúde sexual e reprodutiva através das Unidades Básicas de Saúde, com grupos para adolescentes, onde a equipe multidisciplinar realiza atividades lúdicas para uma melhor apreensão da temática e reflexão. A Seção Centro de Referência em AIDS (SECRAIDS) presta atenção integral às pessoas vivendo com HIV/aids e outras IST, o que engloba o atendimento a população adolescente, contando com psicólogos, assistentes sociais e médicos

infectologistas. O serviço também realiza trabalhos de prevenção junto ao Centro de Referência e Tratamento de Santos, em locais públicos, na distribuição de panfletos, preservativos e realiza palestras educativas em diversos locais (SANTOS, 2017).

Para além destes serviços, a população adolescentes pode contar com o Conselho Municipal da Juventude, para abordar pautas coerentes com suas necessidades, para discussões ou questionamentos assim como buscar eventos juntos aos outros adolescentes sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos.

2.3 Direitos Sexuais para adolescentes entrevistados/as

O exercício da sexualidade foi abordado durante a entrevista como um direito inerente ao ser humano. A partir desta ideia apresentada pela pesquisadora, os/as entrevistados/as criaram linhas de raciocínio diferentes. Em relação aos direitos de modo geral e em relação aos direitos sexuais, há diferentes entendimentos entre adolescentes participantes do estudo. Entretanto, apesar disso, fica demarcado que reconhecem haver dificuldade na implantação dos direitos sexuais no Brasil.

No decorrer de sua entrevista, Alice destaca a importância do lugar da reivindicação de direitos, da participação política dos/as próprios/as adolescentes, da seguinte forma:

“Nós sim, os jovens têm que garantir os direitos dos jovens, porque os adultos não compreendem o que os adolescentes estão precisando e já viveram, mas também é, são épocas diferentes. Então, acho que os jovens têm que fazer os próprios direitos. Acho que o maior problema que a gente vive, é que os adultos apontam as coisas e a gente tem que seguir e nem sempre é o que a gente quer. Então, nem sempre é o certo. Então eu acho que os jovens, tem que fazer seus próprios direitos sim.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

A adolescente destaca a verticalização das políticas que são pautadas numa perspectiva adulta da sexualidade adolescente. Desta maneira, os Direitos Sexuais e Reprodutivos na sociedade ainda estão presos a uma concepção fechada sobre como adolescentes devem se comportar e agir.

Já Elaine, alega ter entrado em contato com Direitos Sexuais e Reprodutivos em algum momento e mesmo afirmando não saber ao certo do que realmente se trata, lembra de alguns princípios:

“Ah, eu ouvi dizer que você tem o direito de se relacionar com quem você quiser, e tem o direito também de usar uma proteção se você quiser, de ter filho ou não ter

filhos, sem ninguém te proibir. E ser dono do seu próprio corpo.” (ELAINE, 16 anos, Negra, Heterossexual, Santos)

Para Fernando, a população não conhece seus próprios direitos, não apenas os direitos sexuais, mas desconhecem os direitos de modo geral.

“Esse também, isso é uma coisa que também incomoda bastante, a gente não conhecer os nossos próprios direitos. Não só sexual, mas em geral. As pessoas não conhecem os seus direitos.” (FERNANDO, 18 anos, branco, heterossexual, São Vicente)

Percebe-se na fala de Fernando, a dificuldade da população em ter acesso ao conhecimento sobre os seus próprios direitos ou ao conhecimento sobre políticas públicas em geral e não apenas políticas relacionadas à sexualidade. Fernando destaca essa dificuldade generalizada.

Marcelo difere dos/as demais adolescentes entrevistados/as por acreditar que não seja papel do Estado disponibilizar camisinhas ou outros tipos de insumos de prevenção para as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Ele considera que a aquisição destes itens deveria ser responsabilidade de cada pessoa. O adolescente compreende que a sexualidade compete a vida privada de cada indivíduo, sendo de responsabilidade dos sujeitos adquirir preservativos ou outros tipos de contraceptivos e não deveria ter participação do Estado nesta esfera da vida. Para ele, o Estado deve gerir outras esferas da vida, porém a sexualidade é algo íntimo dos sujeitos. Ao contrário de Marcelo, Felipe pensa que o Estado deve ser sim o responsável pela realização de campanhas para prevenção de IST, realizar distribuição de preservativos e também fornecer palestras sobre saúde sexual.

Através do discurso dos/as adolescentes, percebe-se que não há homogeneidade nas visões sobre o papel e a responsabilidade do Estado na garantia dos direitos sexuais dos/as adolescentes. Enquanto para alguns/mas, as políticas públicas deveriam amparar os sujeitos também na esfera da sexualidade, para outros/as o Estado deve participar o menos possível em questões pessoais, como é o caso da sexualidade.

2.4 Reflexões: desafios para adolescente como sujeitos de direitos para exercício da sexualidade

Os Direitos Sexuais e Reprodutivos de adolescentes, segundo Taquette (2003), passam por “censuras” na sociedade, no que diz respeito a conciliar a independência recém-adquirida

de tomar decisões em relação à sexualidade e a escolhas da vida, sem a necessidade de proteção dos adultos. Existem diversas adolescências, cujas vivências variam em relação à classe social em que estão inseridas, escolaridade, organização familiar e as características específicas que devem ser ressaltadas.

No tocante aos Direitos Sexuais e Reprodutivos (DSR), alguns(mas) dos/as adolescentes entrevistados/as reconhecem alguns dos princípios destes direitos que não são garantidos. De acordo com trabalho realizado por Taquette (2003) junto a adolescentes, os direitos mais violados possíveis de serem identificados no discurso dos adolescentes são: a) possibilidade de viver e expressar livremente a sexualidade, sem medo, culpa, falsas crenças, violência, discriminação e imposições; b) exercer a sexualidade independente do estado civil, idade ou condição física; c) ter acesso à informação e educação sexual e reprodutiva.

Fernando relata a dificuldade da população no geral em ter acesso aos seus próprios direitos e deveres, onde podem buscá-lo e como exercê-los, inclusive quando se trata de prevenção das IST como parte dos direitos sexuais e reprodutivos. Franciele, explicitou em sua fala a dificuldade em conversar com a sua mãe sobre sua primeira experiência sexual por conta do rigor da mãe com a filha, não aceitando suas relações e impondo decisões na vida da adolescente. Alice junto a Franciele, discute e questiona a imposição dos adultos perante a sexualidade dos/as adolescentes e a determinação deles com o que é permitido ou não realizar.

As políticas públicas devem garantir que a temática da sexualidade seja transmitida nas escolas de modo transversal assim como em outros locais frequentados por adolescentes, como espaços culturais, esportivos e pontos de encontro de lazer. Sexualidade e a própria adolescência devem ser temas de atividades desenvolvidas pelas instâncias públicas. Os/as adolescentes entrevistados/as mostram ter interesse pela temática e compreendem a importância dela para a sua formação como sujeito e mostram-se incomodados com o modo como a temática é abordada, indicando interesse em mais espaços para debates onde a sexualidade seja conversada de forma aberta e sem tabus assim como indicam interesse por acesso a conteúdos audiovisuais e campanhas informativas.

Os/as adolescentes entrevistados/as consideram que o conteúdo dos materiais sobre sexualidade aos quais tiveram acesso seguem uma perspectiva exclusivamente heterossexual, o que consideram inadequado porque é preciso abordar outros modos de se relacionar sexualmente.

O desconhecimento sobre políticas públicas para adolescentes apareceu no conteúdo das entrevistas. Não participaram de Conferências sobre a saúde da população jovem e nem na elaboração de nenhum plano municipal. Gostariam de mais divulgação sobre os processos de participação e sobre as políticas para conhecer melhor acerca da importância, podendo assim, participar e apontar as reais demandas que necessitam.

Percebeu-se, no decorrer das entrevistas, que os/as adolescentes consideram-se sujeitos de direitos, porém não sabem descrever, ao certo, quais seriam esses direitos e onde eles seriam aplicados. Identificou-se uma dificuldade em perceberem qual seria o papel do Estado, das políticas públicas na vida pessoal dos/as adolescentes quando se trata de sexualidade e qual a responsabilidade deles próprios e dos pais.

Para alguns/mas dos/as entrevistados, o direito de decisão em alguns assuntos pessoais também seria dos pais. Poderiam decidir sobre os seus corpos, no sentido do que pode ou não ser feito neles, por exemplo. Esta percepção pode, talvez, indicar um desafio para a permanente construção da autonomia neste período da vida, onde os/as adolescentes não se sentem donos dos próprios corpos, onde poderiam tomar decisões sem questionar os pais anteriormente.

Alguns/mas adolescentes entrevistados/as compreendem que o exercício da sexualidade seria um direito para todos/as condicionado, entretanto, a se sentirem preparados/as para assumir as inúmeras responsabilidades que a decisão sobre o exercício da sexualidade pode acarretar.

Nas entrevistas, ficou nítida a existência de diversas adolescências desenhadas a partir das categorias que os/as diferenciam a partir da classe social e gênero. Um exemplo desta leitura, é o caso de Alice, visivelmente mais engajada em assuntos que direcionam para o feminismo e empoderamento das mulheres na sociedade. Oriunda de escolas particulares, teve acesso a conhecimentos ou reflexões que possivelmente os demais alunos de escola pública não tenham tido ou pelo menos, de um modo distinto.

CAPÍTULO 3 - ADOLESCÊNCIA

3.1 A categoria adolescente

Neste trabalho, a escolha em utilizar preferencialmente a categoria adolescente, reconhecendo sua condição histórica e que leva a distintos significados, assumindo que, na condição utilizada nesta dissertação está longe de compreender a adolescência como algo essencialista e muito mais amplo do que uma condição etária. A escolha se orienta pelo modo como a rede de atenção e as políticas públicas se organizam, assumindo o termo adolescentes para a faixa de idade em que se encontram os/as adolescentes do Querô.

Por outro lado, no Instituto Querô é adotado o termo jovem, em consonância com o que orientam agências internacionais, como a UNICEF, que patrocina alguns de seus projetos. Há também uma escolha política na adoção deste termo, dadas as atividades de formação oferecidas. Assim, os/a próprios/as adolescentes do Instituto referem-se a si próprios/as como jovens, o que apareceu de forma recorrente nas entrevistas.

Segundo Pitombeira (2005), a naturalização da adolescência, como um processo humano, entre a infância e a vida adulta, pode ser analisada a partir do contexto social onde o sujeito está inserido, como cultura, valores e educação. Ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais, que juntas auxiliam a traçar o perfil desta população adolescente em uma determinada sociedade. A adolescência é considerada uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta. Sendo um período de crises, que encaminham o jovem na construção da sua subjetividade. Porém, a adolescência não se restringe só a essa transição, sendo um processo mais amplo (FROTA, 2007).

Conforme Ariès (1981), o período da adolescência, tem seu nascimento junto com o período Moderno, a partir do século XX. A característica marcante deste momento seria quando os adolescentes podem se dedicar com mais tempo a formação profissional, não precisando contribuir diretamente com a renda familiar. Paralelamente, aumenta também o

tempo de tutela dos adolescentes pelos pais, uma vez que são mantidas mais tempo nas escolas e em cursos.

Segundo Abramo (1994), a adolescência foi construída dentro de um contexto de crises e contestação social. A virada do século XX, traz consigo a invenção de uma adolescência representada como uma fase de “tempestades e tormentas”. O movimento hippie, da década de 60 e o juvenil de 1968, contribuíram diretamente para a formação do discurso do que é ser adolescente.

A naturalização da categoria adolescente, descolada dos aspectos contextuais sócio-históricos, acabam também por naturalizar possíveis dificuldades que os sujeitos possam vir a ter, como sendo algo inerente da condição adolescente. O olhar para esses sujeitos, segue um “padrão” segundo o qual o/a adolescente corre o risco de experimentar coisas novas, sofrer influências ruins e se “perder” do caminho desejado pelo adulto. É imposto neste período a necessidade de definições de projetos de vida, de planos a longo prazo, e quando não assumem esse comportamento e acabam questionando o mundo a sua volta, ficam inseguros com questões pessoais e acabam sendo rotulados como rebeldes (PERES,1995).

Essa noção de adolescência traz enraizada a ideia de evolução natural do ser humano, linear e independente das condições ao redor que influenciam diretamente sua existência, tal como a diversidade cultural, material e simbólica, acabando por reduzir a adolescência apenas a sua dimensão biológica (PERES,1995).

Assume-se, conforme Frota (2007) indica, que adolescência deve ser pensada para além das faixas etárias, das transformações físicas da puberdade, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se reconstrói dentro de um determinado tempo e da própria história. Assim, neste trabalho, adolescentes são compreendidos como sujeitos de direitos e protagonistas de suas próprias histórias de vida.

3.2 Ser adolescente para rapazes e moças do Querô

Nas entrevistas, questionou-se já no seu início, o que definiria ser adolescente, procurando entender o que sentiam os/as entrevistados/as em relação ao momento que

estavam vivenciando. Aqui, adolescência é tomada portanto como um Eixo Analítico para compreender como os sujeitos entrevistados significam suas vivências, considerando a análise a partir das subcategorias “tornar-se adolescente” e “cena que marca a adolescência”.

Para Felipe, a adolescência é compreendida como um momento de experimentação e também de conflitos internos. Um tempo de incertezas diante das novas descobertas da vida:

“Ser adolescente é...é tipo meio que entrar em conflitos, é, com quem você é sabe? Às vezes ter certezas, às vezes ter incertezas. E, tipo, é muito baseado em mim, tipo é um dia se perguntando porquê, outro dia respondendo suas perguntas do dia anterior, mas no dia seguinte está se perguntando o porquê de novo, sabe? Eu sou muito assim.” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos).

Alice também indica que a adolescência é tida como um momento difícil da vida. Entretanto, diferencia-se de Felipe ao incluir na sua explicação, os hormônios que constituem o corpo adolescente, aos quais atribui significado negativo, mas que ao mesmo tempo, são tidos como característicos da própria fase:

“Nossa, é complicado, porque é... ah não sei. Acho que é uma fase muito difícil, porque além de todos os problemas da vida, você ainda tem os hormônios, então eu acho que deve ser pior fase assim”(ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos).

Mariana destaca que ser adolescente é descobrir as coisas ao seu próprio modo e descreve que os/as adultos/as acabam querendo determinar o que pode ou não ser feito pelos/as adolescentes, acabando não permitindo que a pessoa possa experimentar novos desafios:

“Acho que é descobrir as coisas do seu jeito, não ficar com medo de fazer e por causa do que as outras pessoas falam. Por exemplo, elas falam ‘ah não faz isso’, não faz isso, mas eu acho que a pessoa tem que fazer pra ver se ela realmente gosta e ver o que ela realmente quer.” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

A mesma entrevistada diferencia-se dos/as outros/as adolescentes entrevistados/as ao indicar uma maior percepção de si, enquanto um sujeito adolescente, com desejos, com capacidade para tomar decisões sobre o que mais lhe agrada e capaz de identificar quais são seus anseios para o futuro.

O sentido encontrado na fala de Mariana, e de quase todos, é que a adolescência seria um período de transição entre a infância e a vida adulta. Particularmente quando se inaugura a possibilidade de viver novas experiências de maneira independente da vontade dos/as

adultos/as com quem convive. Para Franciele, o que se vive nessa fase não caberia na infância, dado que as pessoas são imaturas para realizar tais atividades específicas. E as atividades da adolescência também não caberiam na fase adulta, porque já estariam muito velhas. Há, portanto, vivências exclusivas do “meio termo”:

“Eu acho que é uma fase que a gente tem tipo, pra descobrir as coisas é sei lá...pra tipo, viver experiências e tals, porque tem aquela coisa de que criança não tem idade suficiente pra fazer alguma coisa e adulto é muito velho, ai eu acho que adolescência é meio que um meio termo entre os dois.” (FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos.)

Elaine parece compartilhar do mesmo pensamento dos/as demais adolescentes entrevistados/as: compreende que adolescência é um período de transição de fases da vida. Marcelo acrescenta a esta definição, a ideia de que é também um momento difícil, salientando que o final desta fase seria ainda mais difícil, quando se materializa a aproximação com maiores responsabilidades:

“O começo assim é bem difícil, eu nem sei se é esse mesmo de, de ter sido meu pai tal tudo, eu ter que ajudar. Nem sei na verdade se foi isso mesmo, mas o começo eu acho bem difícil assim, agora o fim eu acho, que é quando você precisa tipo realmente, tomar uma decisão, trabalhar tal, ai você tem a sua maturidade, né?” (MARCELO, 18 anos, Branco, Heterossexual, Praia Grande)

A partir da fala dos/as adolescentes, é possível identificar que eles/as próprios/as incorporam a ideia de adolescência como transição e mudança, como preparação para o mundo adulto. Na verdade, o discurso de ser adolescente está presente na sociedade e os próprios sujeitos desta pesquisa acabam por reproduzi-los.

Por outro lado, reconhecem haver aspectos vantajosos na adolescência. Por exemplo, em relação ao trabalho, como indica Alice, ao afirmar que pode ser poupada de contribuir com os gastos domésticos, sendo liberada para se dedicar apenas aos estudos. Há uma possibilidade típica da adolescência de se dedicar a outras preocupações, diferentes daquelas de subsistência.

“E a melhor também, você não tem que se preocupar com trabalho. Depende da pessoa né, mas no meu caso, eu não tenho que me preocupar com trabalho e tal. Eu vejo as coisas difíceis lá em casa, mas a minha mãe não fala: “Ah, para o Querô e vai trabalhar”... mas pra mim, eu acho que é mais fácil assim. Mas eu acho que é bem complicado.” (ALICE, 16 anos, Branca, Heterossexual, Santos)

Alice e sua condição juvenil, destaca-se das dos demais pela classe social a que pertence. Atualmente ela estuda em uma Escola Técnica pública, porém é oriunda de escolas particulares e sua família possui uma renda mais elevada que a dos demais adolescentes

entrevistados/as. No trecho acima, ela destaca que no momento não precisa se preocupar com trabalho, apenas com os estudos, mesmo a situação econômica dentro da sua casa não estando positiva. Os/as demais adolescentes também não trabalham de forma remunerada, mas são responsáveis por diversas tarefas domésticas, como cuidar dos irmãos, além de se dedicar aos estudos. Não podem apenas estudar, sem assumir outras responsabilidades.

Os/as adolescentes foram questionados/as explicitamente sobre as responsabilidades próprias da adolescência, permitindo discutir a partir da identificação delas e da compreensão dos/as próprios/as entrevistados/as.

Para Felipe, algumas responsabilidades são repassadas para os adolescentes especificamente nesta fase da vida, num processo de construção da autonomia destes sujeitos. Exemplifica da seguinte forma:

“É, porque quando você é criança, você tem os seus pais cuidando...cuidando de você. E aí, na adolescência, quando você começa a ter mais vida, então seguir essas responsabilidades, tipo é...você não vai mais ter tipo seus pais pegando o seu caderno todo dia como eles pegavam na escola.” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Na sua fala, destaca-se a afirmação “ter mais vida” como sinônimo da mudança da infância para adolescência. Ter mais responsabilidades é algo que faz com se sintam com mais vida, a partir dessa condição.

Alice entende que as responsabilidades dos/as adolescentes estariam muito vinculadas à dedicação exclusiva para a escola e relacionadas, portanto, com as atividades propostas em sala de aula. A condição de estudante é equivalente da condição de adolescente. Diferenciando-se dos demais adolescentes entrevistados, Alice compreende que sua maior responsabilidade em ser adolescente está diretamente ligada aos estudos, ao contrário dos demais, que colocam outras responsabilidades, como afazeres domésticos como imprescindíveis.

Para Franciele, na adolescência são destinadas responsabilidades maiores e específicas, como atribuições com o espaço coletivo da sua casa, como os deveres domésticos que lhe são destinados e os compromentimentos particulares, com cuidados básicos, como não voltar tarde de passeios na rua. Ressalta-se na fala de Franciele, que a mãe não precisa mais determinar os locais e horários que ela deve frequentar e voltar, pois já possui “consciência”

de suas responsabilidades perante sua família, por mais que não apoie essas condições, ela as cumpre como sua parte da responsabilidade como adolescente.

“Então dentro de casa a minha mãe tipo, eu tenho que lavar louça, arrumar a casa assim... é e eu ajudo ela tipo, fazer as coisas que ela manda fazer eu faço, e responsabilidade de fora é tipo ir bem no colégio é tipo, não, não voltar tarde ou então tem que avisar ela as coisas, eu acho que é mais isso é porque tipo a minha mãe me dá as coisas pra fazer, só que eu tenho consciência sabe que eu tenho que fazer e tal e as vezes ela precisa, não precisa pedir, tem que fazer eu faço bem que ela reclama as vezes”(FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos.)

Os/as adolescentes descreveram experiências que indicam haver responsabilidades associadas a condição singular de ser adolescente. Porém, a classe social determina fortemente as responsabilidades que os pais destinam aos seus filhos, tornando nítido que a fase da adolescência é algo contextualizado.

3.3 Marcas sobre o início da adolescência.

Durante a realização das entrevistas, foi solicitado aos/as adolescentes que contassem uma cena, algum acontecimento ou diálogo que tivesse marcado para eles/elas o início da adolescência na sua trajetória de vida. A presença deste aspecto na entrevista está atrelada a importância do reconhecimento de uma cena (ou cenas) que marcaria o percurso de chegada deles/as à adolescência. A partir das cenas lembradas e narradas, é possível entender um pouco do conceito de adolescência para cada entrevistado/a e o modo como lidaram com as situações.

Para Alice, a primeira menstruação foi o episódio marcante, mesmo que a lembrança que tenha da experiência faça menção a um sentimento de infantilidade no momento quando aconteceu. Anteriormente, em sua entrevista, a adolescente já havia salientado aspectos biológicos de seu corpo ou do corpo adolescente de modo geral, como marcas da própria fase. Parece que ao eleger a menstruação, escolhe também uma característica biológica como definidora do tornar-se adolescente:

“Acho que a primeira menstruação [...]: acho que pode ser um marco de...porque é muito diferente, né? Eu era, eu era pequena, eu tinha 13 anos assim... eu tenho 16, mas não é muito tempo, mas eu considero [que era] bem menor. Mas é, é muito choque de realidade, porque eu nem estava esperando assim, não tava... Ai meu Deus, menstruação! E foi do nada, acho que é um marco sim. Meu Deus, alguma coisa está mudando.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

De acordo com Alice, essas transformações no corpo são significativas e ao afirmar a percepção da mudança corporal e associá-la ao início da adolescência, coloca a dimensão biológica como uma esfera importante do “sentir-se” adolescente.

Para Mariana, é a mudança de ambientes frequentados por ela que é considerado como marco da adolescência. Inclusive porque também a partir daí começou a vivenciar novas amizades e modificar também o modo de pensar:

“Depois que eu comecei a andar com jovens que tem um pensamento bem diferente. Que na escola talvez, todo mundo segue aquela mesma linha. Ai depois que eu comecei a fazer outros cursos eu tô ampliando assim. E tô vendo muitas diferenças.” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

Para Felipe, as mudanças significativas na adolescência, tidas como “naturais”, estariam relacionadas à maturidade intelectual, ao construir novos pensamentos sobre antigos paradigmas.

“Acho que quando eu comecei a mudar, tipo naturalmente. Mudar tipo, é minha forma de pensar, meu meio que estilo. É...mudar a pessoa que eu era, tipo amadureci.” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

A partir das falas de Felipe, Mariana e Alice, percebe-se um certo enraizamento da concepção de adolescência como um período de transição e também com a configuração de novas concepções acerca do mundo. Entretanto, os/as demais adolescentes não conseguiram identificar uma cena ou episódio que tivesse ficado como o marco do início deste período em suas vidas. Segundo Vitalle (2003), reforçado pelas falas dos/as entrevistados/as, a adolescência aparece como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, cujas características singulares da ordem do biológico, do psicológico e do social são percebidas na relação de uma busca identitária e na construção da autonomia na medida em que consegue tomar suas próprias decisões, sem participação dos/as responsáveis.

CAPÍTULO 4- SEXUALIDADE

4.1 O aprendizado da sexualidade entre adolescentes entrevistados/as.

A esfera biológica da sexualidade é, sem dúvidas, inerente ao ser humano. Não obstante, é relevante ressaltar que neste trabalho, adota-se o referencial teórico que privilegia e compreende a sexualidade a partir do processo de aprendizado, condicionado historicamente e socialmente. O modo de viver a sexualidade, portanto, depende de onde este sujeito está inserido, dos meios concretos ao seu redor, como família, escola, amigos e outros meios.

A sexualidade atualmente vem sendo compreendida como um resultado de diferentes cenários onde estes sujeitos estão inseridos, para além do funcionamento biopsíquico, sendo assim um dos principais domínios que motivam os adolescentes a criar uma esfera de autonomia individual em relação à família. A construção deste espaço privado sinaliza o aprendizado de como se estabelece um relacionamento afetivo e sexual (HEILBORN et al, 2006).

A adolescência é caracterizada por diversas transições, sendo a sexualidade a de maior repercussão no imaginário social. O aprendizado da sexualidade, não se limita apenas ao desenvolvimento da genitalidade ou a primeira relação sexual, trata-se de permitir-se experimentar novas experiências e da impregnação pela cultura sexual do grupo em que está inserido, acelerando-se na adolescência e na juventude. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, como papéis de gênero, rituais de interação e de práticas e valores (HEILBORN, et al 2006).

Nas entrevistas feitas com os/as adolescentes foi possível identificar momentos distintos onde estavam presentes discursos da mídia, de filmes, de seriados, da escola, da família, dos/as amigos e de conteúdos variados da internet, tudo compondo o aprendizado da sexualidade.

A Escola

Referente à vida escolar, Heilborn et al (2006) faz uma importante reflexão sobre a forma como a educação sexual aparece dentro das matrizes curriculares:

“Outra importante questão são os tabus e mitos referentes às questões de educação sexual, que alijam a necessidade de abordagem clara, científica e real dos temas referentes à saúde sexual e à saúde reprodutiva. O que deveria ser um tema natural e intrínseco ao próprio desenvolvimento e crescimento de adolescentes e jovens, frequentemente se torna uma questão silenciada, tratada em linguagem fechada e distante ou como se fosse algo ilícito, trazidas pelos fatores de ordem valorativa, moral, cultural e religiosa que se articulam na construção social da sexualidade” (HEILBORN et al, 2006, p. 534)

Na escola, os/as adolescentes consideram haver carência de informações sobre sexualidade ou conhecimentos específicos sobre a temática durante os anos que estudaram na rede pública de ensino. Quando foi ou é abordada, a sexualidade é apresentada prioritariamente pelos seus aspectos biológicos, ou seja, muitas vezes é priorizada a reprodução do ser humano ou as infecções sexualmente transmissíveis (IST).

Apesar disso, Felipe lembra e descreve o método de trabalhar de uma professora em particular, que abordava o tema com sua classe através de brincadeiras e, desta forma, conseguiu romper com os tabus comuns quando se discute assuntos desse teor em grupo. De acordo com ele, tal professora é sexóloga, abordando o assunto da seguinte forma:

“Eu tenho uma professora de biologia que ela dá muita, muita aula sobre sexologia e tais e ela super conversa sobre isso. Ela faz algumas brincadeiras assim. É super legal. Mas é, tirando ela, que só entrou porque uma outra professora saiu, se a outra professora não tivesse saído, tipo, ela não ia entrar. Tipo e. [...] Não, é... eu acho que poderiam mais, tipo que, ela deixa a desejar também, que no 6º ano também, eu tive aula de sexologia com profissionais, uma sexóloga e uma...uma enfermeira e foi super legal também. Tipo, é... lembro que na época eu perguntava tipo, pro meus outros amigos se eles tinham nas escola e a minha escola era tipo a única que tinha, que eu sabia, mas mesmo nessa época que era tipo bem legal e tipo mesmo com essa professora que é super legal...” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Para Alice, a experiência escolar com a temática da sexualidade, limitou-se apenas aos conteúdos biológicos, com abordagem heterossexual dos corpos e da sexualidade, baseando-se apenas na reprodução humana. A adolescente não considera a dimensão da sexualidade abordada como relevante para ampliar o conhecimento sobre o tema, questionando inclusive o modelo biologicista como sendo heteronormativo, sinalizando não haver realmente discussão sobre sexualidade no âmbito escolar:

“[...] a matéria que eu tive sobre sexo na escola, foi totalmente biológico. E cartilha e tal, eu nunca recebi. Porque sempre, sempre estudei em escola particular (Neste momento, está matriculada na escola pública) nunca... não sei se isso é comum, mas eu nunca recebi nada. E é sempre um negócio, obviamente, hetero né? Porque é a reprodução, então sempre fica naquela. Então, eu acho que a escola não tem...” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Mariana, de forma semelhante, faz críticas sobre o modo como a escola aborda a sexualidade exclusivamente apresentando relações heterossexuais:

“Bem por cima [aborda o assunto] (...) esse daqui é o lado do homem, esse é o lado da menina, esse encaixa aqui, encaixa ali, só. Ai fala de doenças, doenças, doenças, doenças, doenças...” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

Para Marcelo, também há ausência de conteúdos, em todas as matérias da escola, que abordem a temática da sexualidade. Entretanto, lembra de um episódio que, tudo indica, foi marcante para os/as colegas de sala e para a escola:

“Eu quase que não tive...não tive. Eu lembro que teve, só que eu faltei, ai me contaram, só que a professora tinha colocado a camisinha na berinjela um negócio assim, uma cenoura, ai eu fiquei, gente eu não acredito e eu tinha faltado né. Olha, acho que só isso mesmo. E eu tive uma, não foi nem, foi fora da escola, foi uma palestra que foram lá tal, da sobre sexo e eles tinham um é...é eles ensinaram tal, a camisinha e de como...quanto tempo...é, até a camisinha feminina tal...” (MARCELO, 18 anos, Branco, Heterossexual, Praia Grande)

Fernando avalia que durante sua vida escolar não teve acesso a conteúdos sobre sexualidade:

“É mais, acho que nem chega ser sexualidade, mas o mais perto que tem é biologia. Fala um pouco sobre reprodução, mas não entra na sexualidade de forma...” (FERNANDO, 18 anos, branco, heterossexual, São Vicente)

Por outro lado, Fernando ressalta uma questão interessante e diferente dos/as demais adolescentes. De acordo com ele, há falta de interesse dos/as jovens sobre os temas e pouca participação em conversas que abordam o tema em sala de aula, o que para ele, acaba prejudicando com que novas abordagens aconteçam.

“A minha escola, eu estudo em uma escola. Lá eu acho uma escola bem carente disso, sabe...de discussão. É, acho que nem tanto dos professores, mas dos alunos também. Falta interesse. Se você leva algum assunto pra debater, ninguém fala nada, ninguém debate, todo mundo fica, todo mundo fica tipo um olhando pra cara do outro, ninguém fala nada.” (FERNANDO, 18 anos, branco, heterossexual, São Vicente)

A Internet

A internet aparece como uma ferramenta acessível e utilizada por vários motivos, incluindo para tirar dúvidas sobre saúde sexual e reprodutiva. Explicitamente foram citados o canal Youtube ou buscadores como o Google, reconhecido por Fernando como sendo muito importante como ferramenta de busca quando se tratam de dúvidas sobre a temática da sexualidade.

Alguns foram mais específicos, como Felipe, que relatou sobre um canal chamado “Mete a Colher” acessado tanto no Youtube como no Blog, onde um casal heterossexual conversa sobre diversos assuntos e sobre a vida sexual, além de curiosidades das mais

diversas entre casais e na vida de solteiro. Os/as telespectadores/as podem enviar perguntas através do aplicativo Whatsapp ou via E-mail e através dos vídeos e o casal responde às perguntas. O casal tem uma dinâmica interessante com os/as adolescentes, a conversa é em uma linguagem simples, de fácil compreensão e pretende ajudar esclarecer dúvidas.

“Acho que, eu busco muito é...eu gosto muito de, do assunto sabe? Tipo, sexualidade, sexo, então tipo, eu acompanhando bastante canais no Youtube, que ajudam bastante é...e...é, e é onde eu mais, mais é, conheço coisas novas é...tem um, tem um canal que eu gosto bastante que é o Mete a Colher...” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Alice acredita, por um lado, que a internet é uma aliada na hora de tirar dúvidas sobre sexualidade, mas ressalta a importância de conversar pessoalmente com alguém que seja de sua confiança sobre o assunto.

“Eu acho que a internet é ótima, que é uma ferramenta. Eu não dispense uma conversa com alguém né, mas eu acho que se você tá com vergonha e tal e quer procurar um negócio mais pessoal, é só ir lá que você acha qualquer coisa.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Para alguns/mas entrevistados/as, foram apontadas tecnologias utilizadas para busca de parceiros, como o aplicativo Tinder, citado por Franciele e reconhecido por ela como um aliado quando se pretende conhecer pessoas novas. O aplicativo busca pessoas próximas a você através dos filtros que os/as usuários/as colocam, como idade, sexo, preferências. Ela destaca que usa o aplicativo não apenas para buscar parceiros amorosos mas também para ampliar o círculo de amizade que, de qualquer modo, pode também evoluir para outro tipo de relação.

“É tipo assim, eu uso Tinder, mas eu uso porque eu acho divertido e eu acho que é um tipo, eu sou tímida no geral. Eu não consigo fazer amizade tipo, oi vamos ser amigos, na vida real. E o Tinder é um negócio que tipo, pode parecer que não, pode parecer tosco, mas muita gente usa pra fazer amizade só. Eu fiz vários amigos tipo, no Tinder e tals e ai eu começo tipo a conversar com a pessoa e se surgir de você sair com ela, você sai e se você quiser ter algo a mais você tem, senão não. Não tem problema.” (FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos.)

A Família

Em relação à abertura com pais e mães para questionamentos ou dúvidas que envolvem sexualidade, Alice aponta ter dificuldade em aproximar-se da mãe neste sentido, uma vez que ela classifica a mãe como “conservadora”. Alice reforça a questão do “não se sentir” confortável para conversar sobre sexo com pessoas de outras idades, além da dificuldade de falar com a mãe

O desconforto pode ser explicado como consequência de uma construção histórica onde o sexo não é algo que possa ser contado sem ter um tom pejorativo ou de julgamentos. Na condição de mãe e pai, é muito comum o veto às experimentações dos/as filhos/as justificada na preocupação com a imaturidade dos/as jovens ou por um sentimento de controle. Foucault (1997) destaca o cristianismo para a sociedade ocidental como responsável importante pela dificuldade em falar sobre sexo, e o falar sobre o sexo assume, quase sempre, uma conotação de proibição.

“Olha, eu acho que eu não converso. Se parar pra pensar, eu acho que não converso. Porque a minha mãe, ela sempre é, ela é muito aberta pra falar assim, se eu quisesse sentar pra ela, com ela, pra falar de sexo, ela com certeza sentaria. Mas é que, eu não me sinto confortável. Eu não me sinto confortável mesmo. E eu tinha uma terapeuta, mas eu também não me sentia muito confortável com ela não...” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Marcelo relata também ter mais dificuldades em conversar sobre sexo, com a mãe porque ela demonstra ficar constrangida quando o filho toca no assunto:

“Não, não, não. Minha mãe, de vez em quando ela pergunta assim, mas fica envergonhada e, e aí eu falo para mãe, saca o que tal. Mas já falei pra ela que eu não sou mais virgem...isso ela já sabe, entendeu? Mas...” (MARCELO, 18 anos, Branco, Heterossexual, Praia Grande)

Dos/as adolescentes entrevistados, três tinham tido alguma experiência sexual até o momento da realização da pesquisa. Felipe, Franciele e Fernando relataram ter tido experiência e os/as demais relataram que não se sentiam “prontos/as” para se relacionar sexualmente com alguém. De acordo com suas falas, para se relacionar sexualmente com alguém, precisariam namorar sério.

Entre os/as adolescentes que já tinham experiências sexuais, Felipe definiu-se como bissexual e relatou ter vivenciado experiências sexuais com ambos os gêneros. Franciele tinha tido relações com seu namorado e se classifica como pansexual, explicando que se definia assim por sentir atração por outros sujeitos, independente da identidade de gênero. Fernando, que tinha tido relações apenas com outras meninas, considera-se heterossexual. Os demais que não tiverem relações sexuais com outros parceiros, definem-se a partir da vivência em ficar, beijar ou interessar-se por pessoas do mesmo sexo ou não.

Entre aqueles/as que já tinham tido experiências sexuais, apenas Felipe contou para os pais sobre o acontecimento, enquanto que Franciele e Fernando, por conta da vergonha, não tinham relatado.

Marcelo avalia, entretanto, que seria importante poder ter com a mãe um relacionamento que permitisse dialogar sobre esta questão. Ele acredita que as meninas tenham mais acesso às suas mães para conversar sobre sexualidade.

“ Eu acho muito importante conversar, porque tipo principalmente pros homens né, eu acho. Porque as mulheres elas, pelo menos o que eu converso com as minhas amigas, elas falam ah eu falo com a minha mãe tudo...” (MARCELO, 18 anos, Branco, Heterossexual, Praia Grande)

Para além da fala de Marcelo, os outros garotos entrevistados, também sinalizaram essa fácil comunicação que eles imaginam existir entre mãe e filha quando o tema é sexualidade. Porém, as entrevistadas sinalizaram que esse assunto não é fácil, como imaginam os rapazes. No geral, as meninas recebem mais orientações disciplinares sobre sexualidade por parte dos/as adultos/as, incluindo familiares, particularmente sobre gravidez, reconhecida como um acontecimento que pode acarretar inúmeras situações na vida da adolescente. O assunto com elas não é sobre desejos, medos e questões que aparecem como dilemas para as adolescentes, assumindo geralmente um tom de proibição.

Para Mariana, o acesso à mãe na temática sexualidade, acaba sendo evitado já que gera muitas brigas quando se toca no assunto:

“Não, eu não pergunto, porque a minha mãe ela tem um pensamento muito diferente de muita coisa, então eu, eu evito conversar com ela sobre isso, porque se não dá treta, então...” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

A adolescente compreende que a mãe tenha pensamentos conservadores quando se trata do papel da mulher, principalmente no caso da filha. Assim, ela não se sente a vontade para explorar a temática com ela e quando acabam conversando sobre o tema, geralmente gera conflitos entre as duas. Ressalta-se uma questão geracional entre ambas, já que a mãe foi criada em uma sociedade que reprimia mais o exercício da sexualidade entre mulheres e parece não ter assimilado as mudanças da atualidade em relação a isso.

O comportamento de repressão mesclado com timidez por parte de mães e pais também aparece na fala de Elaine, quando ela conta sobre as conversas que tenta manter com a mãe sobre sexualidade na adolescência. De acordo com ela, a mãe demonstrou querer manter distância da experiência sexual da filha:

“Ela não gosta muito, mas eu converso com ela. Por exemplo, eu lembro que eu perguntei, ah mãe, se um dia eu tirar a virgindade aqui em casa. Ela falou assim,

Deus me livre, você que tire no Motel essas coisas ou na casa do garoto. Então, eu acho que tipo, melhor eu não contar, ainda mais fazer em casa...” (ELAINE, 16 anos, Negra, Heterossexual, Santos)

Por outro lado, Felipe possui um relacionamento aberto com o pai e com a mãe, seja para tirar dúvidas ou para contar sobre os acontecimentos da sua vida em relação a “ficar” ou namorar tanto pessoas do sexo oposto como do mesmo sexo. A relação do adolescente com os pais se configura através da confiança múltipla e do valor pedagógico do amor na relação, conseguindo ter diálogos sobre diversos assuntos, até os mais complexos para a adolescência.

“Pensa amor, é tipo meu pai...meu pai é tipo amor em forma de pessoa sabe? Sim, muito, muito, muito, muito. Minha mãe é tipo, meio que ela tem uma cabeça mais... tipo, em relação aos filhos dela, ela é bem diferente, ela é sempre mais compreensiva e tals. É...eu fico com meninos e meninas. Agora não mais, que eu tô namorando né? E logo quando eu é...isso aconteceu a primeira vez... porque é, eu nem sabia se eu tive vontade, eu já tinha... eu tinha algumas dúvidas, por algumas coisas que eu sentia [...]” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Ao relacionar-se com um outro garoto pela primeira vez, Felipe buscou o pai para contar sobre o fato ocorrido, porém ao se relacionar com meninas anteriormente, não relatou para os pais.

“Assim, pro meu pai é...a gente tava...a primeira vez que eu fiquei, eu tava numa festa e aí é...é... eu era de um grupo de teatro e tals [...] E aí é...eu tinha o meu professor, tipo diretor. Ele tem tipo minha idade, sabe? Mas ele meio que dava aula e tals. É, aí eu pensei: “Meu, eu tenho vontade de ficar com ele...eu tenho vontade de ficar com ele”. Sabe, tipo. Aí...aí acabou rolando. Aí, isso foi um sábado. No domingo, depois dessa festa, eu fui pra casa da minha tia. No domingo, eu chamei o meu pai no WhatsApp e falei... que eu tinha...que eu tinha ficado com um menino e tals, que tinha ficado legal, que tinha sido legal e que possivelmente rolaria de novo. Aí ele deu risada e tipo falou: “Ah legal! ” Que não sei o que e tipo ficou feliz pelo fato de eu ter compartilhado uma coisa que era tão minha com ele, sabe?” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Já Franciele, quando teve relação sexual pela primeira vez com o seu companheiro na época, não conseguiu contar para a mãe, devido a falta de comunicação entre as duas e a dificuldade conversar sobre a temática.

“Porque tipo, na época que eu, que eu tive minha primeira vez eu até tentei contar pra ela, mas eu ficava com muita vergonha e ela me pressionava demais pra tentar saber alguma coisa e aí tipo eu não conseguia falar pra ela. E aí depois que eu terminei, eu acho que não tem mais necessidade de contar pra ela, porque já passou e eu acho que se eu falasse agora ela ia tipo, sentir que eu menti pra ela ou que... acho que ela ia ficar magoada comigo sabe?” (FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos)

Pornografia

A pornografia tem indiscutível influência na cultura brasileira. O mercado no Brasil é de grande proporção; revistas e vídeos com conteúdo sexual explícito estão disponíveis em bancas, internet e outros locais (Milter & Slade, 2005).

Para Abreu (2013), a desigualdade de gênero é reproduzida e perpetuada através da pornografia, reafirmando o estereótipo da “urgência biológica insaciável” do homem. A atividade sexual é apresentada como uma atividade unilateral: a mulher é usada para satisfazer os desejos do homem, o clímax das cenas é a ejaculação sexual masculina e o prazer da mulher geralmente é ignorado. A desigualdade de gênero dentro da indústria pornográfica aparece para além da mulher como objeto, mas também nos objetos de cena.

Os vídeos pornográficos se caracterizam pela prontidão do sexo casual, pela variedade e quantidade de parceiros, pela ausência da necessidade de haver algum tipo de comprometimento ou envolvimento emocional. Situações muito distintas das condições para o exercício da sexualidade para mulheres na vida real. Além disso, os vídeos pornográficos reafirmam a crença que a mulher sente prazer ao ser agredida sexualmente, de acordo com Abreu (apud Zillman & Bryant, 1988).

Ao sugerir a indústria pornográfica como um aprendizado, os/as adolescentes, concordaram que o consumo de conteúdo pornográfico seria uma possibilidade na vida de adolescentes, uma vez que o acesso à pornografia é simples, seja na internet, inclusive acessada do celular, ou na televisão.

Para Fernando, os filmes pornográficos parecem retratar um sexo meio “forçado” para ambos os lados. O conteúdo sexual é fictício e isso acaba promovendo uma dificuldade em compreender os caminhos do sexo real. A partir da pornografia, o sexo pode ser compreendido como um produto de consumo que é produzido seguindo os padrões de beleza idealizados pela sociedade capitalista. De qualquer modo, Fernando reconhece que há procura por esse tipo de filme, principalmente no final da infância, quando começam as curiosidades em torno das relações sexuais:

“Acho o pornô muito comercial. Ele tira aquela coisa do sexo e acaba colocando ali uma coisa fictícia, sabe? Fica uma coisa forçada. Acho que não só pra mulher, mas pro homem também. Pros dois é algo forçado, não é algo mais natural [...] Acho que talvez a gente esteja naquela mudança de infância para adolescência, a gente começa a pesquisar pra ver como é que é, porque a gente quer reproduzir igual.”(FERNANDO, 18 anos, branco, heterossexual, São Vicente)

Felipe compreende que os/as adolescentes ao assistirem os vídeos pornográficos, sentem-se instigados/as, são despertados para desejo em praticar algumas das cenas que aparecem nos vídeos, especialmente porque são prazeres desconhecidos pelos/as adolescentes. Ao ser questionado se gostaria de produzir as cenas, responde:

“Sim. Porque é tipo, é uma forma geral tipo, são duas pessoas com corpos bonitos, corpos bonitos e, tipo, tão lá, sabe... tipo, quem não quer? Tipo, eles demonstram tipo: Meu Deus, como você está sendo louco, nossa esta, nossa estou... estou pirando de tanto prazer, sabe? Tipo, quem não quer isso?” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Mariana, faz uma leitura diferente da dos/as outros/as entrevistados/as, já que acredita que os filmes pornográficos incentivam a violência e colocam a mulher reafirmando a condição de objeto na sociedade:

“ As vezes não, porque o pornô geralmente incentiva muita violência. Tipo, pelo o que eu vejo, inclusive em pesquisas, falam que eles mostram muito de estupro e como se a mulher fosse apenas um brinquedo sexual e não é assim...” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

Franciele reconhece que a pornografia tem algum exagero e ressalta que meninos e meninas têm compreensões distintas deste tipo de conteúdo. De acordo com ela, as meninas são educadas para reconhecer o exagero da pornografia, enquanto que os meninos tendem a levar o que acontece na pornografia mais ao pé da letra:

“Não, eu acho que tipo ela, ela viu só que tem coisa no pornô que é muito surreal, sabe? A menina olha e fala meu, não tem como. Agora o garoto acha que é assim, entendeu? Tipo, ele vê uma, uma menina gostosona lá, ele tem esse padrão, e ele acha que ele tem que fazer o que o cara tá fazendo e ele faz. Agora menina, por mais que ela veja, por mais que ela tipo, talvez seja o primeiro contato que ela tem também, ela eu acho que menina já é educada desde cedo pra saber, sabe?” (FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos.)

Para alguns/mas dos/as adolescentes a pornografia, assim como a sociedade de forma geral, criam padrões de “beleza”, de corpos “ideais” e que é possível que as pessoas acabem buscando tais padrões nos/as parceiros/as.

“Acho que a sociedade influencia muito no jeito que a gente é como mulher assim, porque[...] Peituda da bunda grande, acho que influencia muito, porque criam estereótipo do que tipo, do que que o homem gosta e ai você tem que se tornar aquilo, pra...” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

“É. Acho que...é, sempre...na maioria das vezes é sempre tipo, padrão sabe? [nos conteúdos pornográficos] Tipo corpão tals, cintura fina, bundão, peitão tals. É, na maioria das vezes loira, é de pele clara e mas é se você, é, se você procura tipo,

coisas mais diferentes você acha, sabe? Tipo, vai gentes que gostam de mulheres gordinhas, gentes que gostam [...] e os homens bombados” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Alice afirma que, a partir da mídia, criam-se os padrões de beleza que são incorporados pelas pessoas, desde a socialização primária, em que normas e valores da sociedade onde os sujeitos estão inseridos, vão sendo aprendidos e incorporados:

“Acho que a Barbie é a maior influência de, de como você... você tem que ser branca, do olho azul, cabelo liso, entendeu? Um peito e bunda. Acho que a Barbie é a maior...a Barbie, a Susi com a bocona, acho que são os maiores, os maiores exemplos de influência é, pra menina, assim.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Os padrões de beleza na infância são disseminados por comerciais, brinquedos e brincadeiras que acontecem tanto em casa como na escola. Segundo Simili e Souza (2015), atualmente as crianças são estimuladas pela família e pelo comércio ao embelezamento do corpo, a fazer dietas, cuidar da pele, utilizar cremes e maquiagem, alisar os cabelos, frequentar lojas de roupas, para ostentar aparência bela e elegante, sendo conceitos e práticas compartilhadas principalmente pelas meninas na contemporaneidade.

As autoras afirmam que a boneca Barbie torna-se um dispositivo disciplinar de moda infantil, interligado com as revistas, o cinema e a televisão, desempenhando papel significativo nas percepções de corpo e beleza, inserindo as crianças no mercado de consumo. O lançamento da boneca rompe com o padrão até então existente de brinquedos para meninas, oferecendo em sua materialidade um modo de brincar diferente, um momento em que se instala um modo de controle sobre as aparências e o comportamento das meninas em relação ao consumo por produtos da boneca, como cremes, shampoo, sapatos e roupas da “Barbie”.

Segundo Santos (2010), gênero é um conceito socialmente novo mas as relações de gênero são tão antigas quanto a existência humana. A novidade do conceito é atribuída à construção social da desigualdade posta entre homens e mulheres. Antes desta categoria, as diferenças anatômicas do corpo humano e os órgãos reprodutores bastavam para nos diferenciar. A partir do conceito é possível explicar os significados e sentidos que ganham as genitálias, rompendo com as interpretações estritamente biológicas, explicando como a diferença sexual se transforma em posições sociais hierárquicas entre mulheres e homens.

4.2 Gênero, sexualidade e adolescência

Nas entrevistas apareceram representações sobre os diferentes papéis que homens e mulheres exercem na sociedade. No que diz respeito aos relacionamentos afetivo-sexuais, colocam:

“É, depende. Tipo, se são...é se é o pessoal do Querô e tals, tipo a gente sai junto e aquela pessoa pega vai, 5 pessoas... ela não vai ser vista de uma forma tipo...[...] Não, tipo normal... normal, sabe? Se é em outro lugar tipo, vai, se sair com os...com os meus amigos de rolê assim...Se eles ficarem com 5 pessoas, todo mundo vai ficar tipo: Nossa tipo... nossa você viu fulana, tipo mô rodada e tals. Porque meio que aqui é, as pessoas são mais mente aberta assim, sabe? É, tem opiniões muito fortes. Que nem, eu acredito que a pessoa pode ficar com quantas pessoas elas quiserem e tipo, isso não vai é, tornar ela tipo, vagabunda ou tipo, qualquer coisa tipo, sabe? Ela não deve ser crucificada por isso.”(ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Elaine, assim como Alice, identificam regras impostas às meninas pela sociedade, como, por exemplo, restringir as vestimentas pelo tipo e tamanho e culpabilizar a menina caso aconteça algo.

“Ah, por exemplo meu pai, o meu pai acha que a mulher que tem que tipo, se resguardar um pouco, que ela é um pouco a culpada sabe, se acontece algo com ela. É tipo, ele acha isso, que, por exemplo, ele não gosta muito que eu use uma maquiagem clara, um shortinho curto, entende? Porque ele acha que eu que tenho que tomar essa precaução e lá não...” (ELAINE, 16 anos, Negra, Heterossexual, Santos)

Marcelo reconhece distinção no tipo de educação que o pai ofereceu a ele em relação ao que deu para sua irmã que, segundo ele, não tem liberdade para fazer as coisas que tem vontade, como por exemplo, sair com os amigos e vestir-se como deseja. Sente vontade, como irmão mais velho, de proporcionar oportunidades mais igualitárias, mesmo que signifique omitir situações para o pai deles:

“(...) na minha casa mesmo, o que acontece de, o meu pai, ele nunca deixa ela fazer nada e eu já sou contrário com ela, por exemplo, quando a gente vai sair, eu deixo ela super a vontade, entendeu? Eu falo pra ela, Laís, um dia que você tiver namorado, não abra o bico pro seu pai, pergunta pra mim. Eu vou ajudar, eu levo vocês no cantinho, deixo vocês darem beijinho lá, fazer o que vocês quiserem, porque eu acho ridículo isso.”(MARCELO, 18 anos, Branco, Heterossexual, Praia Grande)

Felipe demonstra ter consciência da construção histórica das diferenças de gêneros na sociedade ao ilustrar situações do cotidiano, como por exemplo, o fato do homem poder sair com várias mulheres e não ser tachado de forma pejorativa, enquanto que para a mulher é esperado que busque um estado de pureza, que não saia com diversos homens, que preserve

sua imagem. Entretanto, para ele, esses acontecimentos não seriam determinantes para rotular nem rapazes e nem moças. O que, para ele, é algo específico da realidade do Querô, uma visão diferenciada do grupo de amigos/as que frequentam o Instituto. Para ele, de forma geral, a sociedade rotularia de forma pejorativa esses acontecimentos na vida de uma mulher.

O entrevistado ressalta a diferença entre os/as adolescentes inseridos no projeto Querô e os/as outros/as amigos de outros círculos sociais. No Instituto cria-se uma certa permissão para os adolescentes, vivenciarem novas experiências, vestir-se e agir como desejam, na esfera da sexualidade ou não, diferente dos outros locais onde frequentam.

Alice também percebe haver diferenças de expectativas para comportamentos e atitudes de homens e mulheres:

“A sociedade criou papéis super diferentes, né? E a e, e isso é o papel do homem fazer. Porque é, é muito... você vê a mulher abortando ah, não, que puta, ah ela não deve fazer isso. E ninguém questiona porque que o homem não tá ali, o porquê, sabe? Então, eu acho que com certeza criou papéis super diferentes e nessa questão também hétero e é, homem e mulher. Tudo muito, criado homem e mulher e prioriza todo homem. Eu acho isso super desigual.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Para Fernando, a visão da sociedade sobre o papel da mulher vem se modificando gradativamente, porém acha que pessoas de gerações anteriores têm um discurso que ainda reforça a desigualdade de gênero.

“Acho que isso é uma coisa bem antiga já, né? A mulher, ela tá começando a ter o direito dela agora, tá começando a mudar a visão dos outros em relação a elas agora. Então acho que muita gente ainda tem aquela visão antiga.” (FERNANDO, 18 anos, branco, heterossexual, São Vicente)

Neste momento, pode-se ressaltar a questão geracional que permeia essa diferenciação descrita por Fernando, entre as pessoas de gerações mais antigas e os/as adolescentes hoje. Anteriormente, o acesso a informações se dava através da televisão e jornais impressos, nos dias atuais os/as adolescentes buscam informações através do acesso à internet.

De acordo com Alice, apesar de homens e mulheres serem igualmente responsáveis pela gravidez, em termos biológicos, a mulher acaba assumindo os cuidados da criança, o que para ela indica uma desigualdade. Desta forma, ela explicita a diferença dos papéis exercidos na sociedade, justificando também pelo viés biológico, ou seja, a responsabilidade da mulher pelos/as filhos decorre da constituição de seu corpo, uma vez que quem gera a criança é ela:

“Ah, eu acho que sim, existe, mas mais ou menos assim, de uma forma biológica. Por exemplo se, se a menina vai, se a menina engravidou e com outro cara, os dois tem papéis igual. Os dois tem os papéis de, de assumir a criança ou não assumir, ter decisão de escolha. Mas eu acho que, muito relativo assim, essa...” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Nessa perspectiva, as relações de gênero perpassam toda a conjuntura social do sujeito em questão, manifestando-se de formas específicas nos diferentes grupos sociais, mantendo a hierarquização como diferencial. A questão de gênero, é considerada uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo, construindo ao longo da sua vida, oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares e interesses. Porém, é nos locais de maior convivência cotidiana, como família e comunidade que os meninos e meninas aprendem a internalizar seu gênero, de acordo com aquilo que a sociedade local exige (YÉPEZ & PINHEIRO, 2005).

As relações de gênero são situadas sempre em contextos sociais específicos demarcando espaços, delimitando possibilidades e configurando matrizes e modelos de interações entre as pessoas, implicando dificuldades entre aquelas que transgridem os modelos impostos. Sendo assim, é visível a diferença entre as possibilidades que dispõem os/as adolescentes de baixa renda em relação aos/as outros/as de classes médias e altas dentro da mesma sociedade (DUQUE, 1997). Nas limitadas perspectivas de vida e educação, associadas à desigualdade de gênero possivelmente terá um peso maior nas camadas de baixa renda.

Sendo assim, as relações de gênero interligados a classe social exprimem relações de poder que nem sempre são vivenciadas com acompanhamento de reflexões, acerca das inúmeras contradições e hierarquias que geradas a partir de gênero e classe. Desta forma, a adolescência não é apenas uma construção social mediada pela dimensão sociocultural, mas uma etapa-chave de vivência de gênero, gerando um universo simbólico onde cria-se o pensar e agir individual (YEPEZ & PINHEIROS, 2005).

4.3 Autonomia e Sexualidade: o que pensam os/as entrevistados

Aqui discutir-se-á a questão da autonomia e sexualidade a partir do conteúdo das entrevistas com adolescentes, ou seja, o modo como eles/as a compreendem, bem como sua concretização no cotidiano de suas vidas.

Ao abordar cada um/a, perguntando o que compreendiam pela palavra autonomia, Felipe expõe da seguinte forma:

“Autonomia acho que é saber tomar as minhas decisões, sabe? Se tipo eu quero uma coisa, eu corro atrás, eu sei que eu quero e o que eu quero vem de mim, sabe? Não vem de...não vem de outras coisas. Às vezes não são coisas assim tipo tão tipo num...as vezes eu não tomo decisões que seriam tão corretas, mas é tudo de mim, sabe?” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Alice compreende que autonomia seria ter o direito de tomar algumas decisões em diversas esferas de sua vida. Porém, ela permite que sua mãe tome as decisões finais em situações que ela considera mais “sérias”, como fazer uma tatuagem, reconhecendo que a mãe tem o direito de fazer escolhas sobre o seu corpo. Novamente a fala de Alice ressalta a questão do corpo e, nesse momento, o controle que sua mãe tem sobre ele. No que diz respeito à sua sexualidade, por mais que ela reconheça que faz escolhas “escondidas” da mãe, ela acredita que se trata de uma autonomia “disfarçada”.

“Ah, eu acho que assim, é ter o, é ter o direito de fazer algumas coisas que...por exemplo, esses dias eu tava discutindo, queria fazer uma tatuagem, mas eu não... isso também, tudo bem, minha mãe não quis e tal, eu acho que ela foi firme, é o direito dela, lógico minha mãe,... mais [...] Mas não sei, as vezes ela não confia em mim, pra sair, por exemplo, sair de saia curta, ela não deixa. Às vezes eu tenho que fugir de casa com a saia pra eu poder conseguir sair, entendeu? Acho que, é diferente assim. Tatuagem é um negócio que ela tem super direito de, de barrar, mas algumas coisas como saia curta, acho que é uma opção minha assim. Sexualidade, por exemplo, é uma coisa que eu...Uma autonomia meio disfarçada assim.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

No tocante a diferença entre liberdade e autonomia, Felipe acredita que não é possível ser um sujeito autônomo, sem ser “livre” e faz referência aos pais e também ao modo como foi a criação que lhe foi proporcionada.

“Liberdade? Acho que sim. Porque você não consegue ter autonomia se você não tem liberdade, sabe? Você não consegue é...é, expor é, o que você, o que você tem pra você, o que você decide pra você, se você não tem tipo, você não pode andar por um caminho, se não tem saída sabe, se você tá num labirinto fechado. Porque vai, se eu não tenho...se tivesse pais mais, mais como eu posso dizer... mais, se eu tivesse pais mais rígidos, que não deixassem, é, eu ter as minhas próprias é, não me dessem uma liberdade de tomar as minhas decisões, de ter autonomia, assim essa liberdade, eu não teria tipo conhecimento das coisas que eu tenho, porque muita coisa que a gente aprende é tipo, é na prática, sabe? E aí, se eu não tivesse essa, essa liberdade

de, de expor o que eu quero, de fazer o eu quero, isso iria me prejudicar” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Elaine aponta a diferença entre liberdade e autonomia, de forma distinta dos/as demais adolescentes entrevistados/as. Autonomia é concebida em sintonia com a perspectiva dos direitos, ou seja, você ter direito a fazer escolhas sobre o seu próprio corpo e tomar decisões, inclusive, considerando as regras existentes. Já a liberdade seria a possibilidade de fazer o que deseja, sem necessariamente ter que seguir regras ou modelos de condutas.

“Ah, eu acho que autonomia seria você ter é, ser dono do seu corpo, ser dono das suas decisões, tipo ah eu quero comprar uma coisa, se eu quiser ficar com alguém eu tenho autonomia de ficar e ninguém me proibir. E acho que liberdade, não sei se existe muito liberdade, porque a gente tem que seguir as regras, né? Bom, pra mim liberdade seria você fazer o que você quisesse fazer, independente de regra, essas coisas, mas autonomia você segue diante de uma regra, você segue o que você quer fazer. Depende do que você quer fazer.”(ELAINE, 16 anos, Negra, Heterossexual, Santos.)

Para Franciele, autonomia e liberdade também estão interligadas, porém a noção de liberdade que tem está muito vinculada a questão de dar satisfação aos adultos responsáveis por ela.

“ Porque se você tem autonomia de você mesmo, se você tem tipo, se você cuida de você mesmo, você pode ter quanto de liberdade que você quiser porque você não tem que dar a satisfação.” (FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos.)

Os/as entrevistados/as consideram que autonomia deve ser construída a partir das próprias vivências, sem influências de outras pessoas. Alice compreende que a está relacionada com uma escolha pessoal que a pessoa toma:

“Ah, depende...depende, mas eu acho que na maioria das vezes é uma questão pessoal, então você tá sendo autônoma. Mas influenciada, depende assim, não sei, das circunstâncias, não sei. Eu acho que, quando você tá tomando uma decisão, você tá sendo autônoma, entendeu? Você pode tá tomando uma decisão que você foi influenciada, mas aí depende um pouco da situação, não sei. Tá influenciada por drogas, bebida ou pessoas, mas aí você tá fazendo uma escolha também, entendeu? Ao menos que você esteja sendo estuprada ou mas...acho que aí você também tá fazendo uma escolha de fazer sexo, porque você está sendo influenciada, então de qualquer forma acho que...” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Destaca-se, no parágrafo acima, as escolhas que os/as adolescentes devem fazer e, com isso, a necessária auto-responsabilização por futuras consequências que possam vir a aparecer. Podem ser vistas também como escolhas pautadas na autonomia do sujeito, que vai além da responsabilidade.

Acerca das situações que envolvem uso prejudicial de bebidas alcoólicas e outras drogas, Alice ressalta a questão da escolha sobre o uso ou não e o que ela implica em bancar

as consequências acarretadas. Ou seja, aqui as escolhas envolvem uma autonomia que implica em clareza sobre as consequências e alguma compreensão do risco. A ideia é que as escolhas devem ser decisões com lucidez.

Alice divide com a mãe o poder de decisão sobre algumas situações em sua vida. Já seu pai, assume a função de repreender em situações pontuais, não sendo uma figura presente no cotidiano, indicando que nessa relação também está pressuposta uma autonomia “disfarçada”. Desta forma, Alice coloca sua autonomia em tutelas compartilhadas entre os pais e as escolhas que realiza sozinha.

“Mais ou menos assim, a minha mãe é, vendo pelas mães que eu conheço assim em geral, e tudo mãe de amiga sabe, minha mãe é até muito liberal, confia em mim e tal. Mas, às vezes, ela me prende muito também, então é metade, metade. O meu pai ele, como ele não é muito presente, ele deixa eu fazer o que eu quiser, mas também se o bicho come ,ele dá uma dura. Mas acho que é metade, mais ou menos. Uma autonomia mais disfarçada.”(ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Neste processo de construção da autonomia na vida dos/as adolescentes entrevistados/as, a esfera da sexualidade parece ser o campo onde há importantes proibições definidas pelos pais e mães em relação aos/as filhos/as. Neste processo é visível a diferenciação entre os filhos homens e as filhas mulheres na socialização.

Os meninos entrevistados/as indicam não terem grandes complicações ou viverem proibições que impeçam de ficarem ausentes por grandes períodos, situação que facilita os encontros sexuais. Aqueles entrevistados que viveram a experiência de uma relação estável, relatam ter tido certas liberdades, como dormir com o/a parceiro/a, frequentar a casa, sair de casa para passeios longos.

Os meninos Fernando e Marcelo não sentem confiança nos pais, de modo geral, para contar sobre suas experiências na vida sexual e buscam amigos para tirar dúvidas ou a própria internet.

As meninas relataram um modo diferente na construção do vínculo de confiança com os pais. Na relação que estabelecem, geralmente há indícios de desconfiança e proibição de namoros na adolescência. Ou ainda, restrições em frequentar a casa do namorado ou a casa de outros meninos. Com as mães, elas têm mais momentos onde ocorrem conversas mais abertas,

quando comparado às que elas têm com os pais. Mas, como já apontado anteriormente, o assunto sobre sexualidade fica quase sempre restrito ao tema de prevenção da gravidez não planejada. É comum ter um tom (mais forte ou mais suave) de reprovação diante da vida sexual ativa das filhas que, de algum modo, acabam sendo mais contidas diante da possibilidade de escolher viver novas experiências, pois receiam decepcionar os pais. Assim, o fortalecimento da autonomia em relação às meninas é desestimulado pelos/as responsáveis, com os vetos e modelos pré-moldados pela sociedade de como uma mulher deve agir.

A aproximação com estes/as adolescentes, de algum modo, mostra que a autonomia não é um plano ideal que será um dia plenamente alcançado na vida adulta. A busca pela autonomia, incluindo a autonomia para a vivência da sexualidade, é um processo diário na vida de qualquer pessoa, que independe do ciclo de vida no qual se encontra. Portanto, não é exclusividade da fase adulta, mas algo que se encontra de distintos modos e condicionado a contextos específicos que pode promover a autonomia na vida e para exercício da sexualidade.

4.4 A experiência dos/as entrevistados/as

Os/as jovens foram convidados/as a compartilhar suas próprias experiências no exercício da sexualidade e foram também questionados/as sobre quais atitudes tomariam diante de algumas situações, como ter relações sexuais sem preservativos ou sobre a percepção acerca do controle do outro sobre o seu corpo.

Alice conta que caso venha se relacionar sexualmente com alguém, não tem dúvidas que usará o preservativo que, para ela, é compreendido como um meio de proteção contra doenças: “Com certeza. Eu tenho bastante medo, assim, de doença e tal.” Porém, a adolescente não teve relações sexuais até o momento, apenas beijou pessoas de ambos os sexos.

Franciele alegou saber a importância da camisinha e manifestou o desejo de usá-la durante suas futuras relações sexuais. Essa relevância se constrói também e principalmente por ter vivido um relacionamento abusivo com o ex-namorado, que não permitia que o preservativo fosse utilizado. Ela não usava anticoncepcional por apresentar efeitos colaterais. Assume, concluindo a história que compartilhou, que a experiência só não culminou em uma gravidez não planejada por uma questão biológica.

No discurso de Franciele, destacam-se os jogos de poder típicos das relações de gênero, onde o masculino ainda exerce domínio sobre o feminino em determinadas situações. No caso, o parceiro cometeu uma violação dos direitos reprodutivos e sexuais ao não permitir que ela escolhesse o método de proteção. Assim mesmo, Franciele tendo conhecimento de todos os perigos que essa situação poderia acarretar, submeteu-se a essa condição, dado o papel que o namorado exercia em sua vida. A adolescente acaba se culpando por permitir essa situação e por não ter se prevenido contra IST e de uma gravidez.

“Ah, por todos os fatos óbvios né, tipo doença, gravidez. Eu sei tipo que o eu deveria ter feito e eu tenho isso muito claro agora, eu sei que tipo sempre tive na verdade, eu sou muito hipócrita pra falar a real, mas é que eu me sentia muito pressionada na hora e eu não conseguia tipo, sei lá não conseguia dizer não.” (FRANCIELE, 16 anos, Branca, Pansexual, Santos.)

Para Elaine, a camisinha tem uma aparência assustadora, mas, apesar disso, a adolescente considera possível pedir ao namorado para usar, caso venha a ter um. Ela considera que usaria camisinha para evitar que ela tivesse que falar de temas constrangedores, como é o caso do tema sobre as IST ou o constrangimento de pedir para o namorado realizar exames diagnósticos.

“Não sei porque, eu vi a camisinha e ela é meio grande assim. Eu fico pensando, será que não dói...você tem que enfiar né? [...]Porque é, porque de repente eu ia ficar sem graça de pedir pra ele fazer um exame por exemplo, pra ver se ele tem alguma doença.”(ELAINE, 16 anos, Negra, Heterossexual, Santos)

As situações que envolvem a prevenção para HIV e outras IST sempre incluem relações de poder. Ao pedir o exame de IST para o parceiro, a pessoa demonstra que o simples ato de realizar o exame é capaz de dar um tipo de “segurança”, mas por outro lado, a solicitação do exame pode transparecer a falta de confiança no outro. Não é incomum aparecerem dilemas de confiança e desconfiança quando se trata de prevenir IST e HIV em relacionamentos estáveis. Uma das adolescentes ressalta que após a realização de exames de IST, ela não usaria preservativo com o parceiro. Esta situação expõe a falsa segurança da realização de exames para detecção de IST exclusivamente, sem pensar na prevenção ou nas desigualdades presentes na negociação de qualquer método preventivo a ser adotado.

Felipe afirma não ter usado camisinha nas suas últimas relações sexuais porque foram com parceiros considerados amigos, com quem mantinha vínculo de confiança. A escolha de Felipe pelo não uso de preservativo está baseada em uma confiança subjetiva, assumida como protetiva:

“Porque tipo, era tipo o Vini [primeiro parceiro sexual] sabe. Tipo, tipo, o Vini. Eu conheço o Vini sabe? Tipo. E porquê...é o Rafa [segundo e atual parceiro sexual] é tipo...é tipo o Rafa, sabe? O Rafa. Confio neles”(FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Segundo Misovich, Fisher e Fisher (1997), sujeitos em relacionamentos estáveis tendem a não tomar nenhuma medida efetiva de prevenção à AIDS, não conhecem nem a sua condição sorológica, nem a do parceiro e acabam por não usar preservativo. Entre os indivíduos que usam preservativos estão os sujeitos que mantêm relacionamentos sexuais casuais, jovens, homossexuais, profissionais do sexo. Porém afirmam que quando estão em um relacionamento estável, também abandonam os métodos de prevenção. Sendo assim, a intimidade e a confiança seriam, portanto, causas de maior exposição ao vírus HIV

Fazendo uma interligação entre os autores acima e um estudo realizado pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo⁴ que revelou que entre os jovens gays de 15 a 19 anos houve um aumento crescente de 7,4 para 20,6 casos de infecção pelo HIV a cada 100 mil habitantes em 2015, pode-se dar destaque a fala de Felipe sobre confiança. Ou seja, é possível pensar na relevância do desconforto que o/a adolescente pode sentir ao pedir para usar preservativo em uma relação sexual com alguém de sua confiança.

Destarte, é admissível dar-se conta de que os/as jovens ainda tem dificuldades na negociação do uso do preservativo e pela desigualdade de gênero ainda presente nas relações de poder nas relações afetivo-sexuais o que interfere no uso do preservativo em alguns relacionamentos amorosos, interferindo na garantia de escolha do método preventivo por parte de certos/as adolescentes. Assim, do ponto de vista dos direitos sexuais e reprodutivos, identifica-se uma certa vulnerabilidade a violação de direitos.

Segundo Taquette (2013), a legislação brasileira tem avançado em relação aos Direitos Sexuais e Reprodutivos, principalmente a partir da Constituição de 1988, porém, o processo de construção destes direitos sofre diversas interferências: grupos religiosos, desigualdades sociais, raciais, étnicas e de gênero.

Nas entrevistas com os/as adolescentes ficam nítidas as interferências externas no processo da vivência de novas experiências na esfera da sexualidade e na aquisição de conhecimentos sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos, especialmente pensando na escola que frequentam e no bairro onde fica localizada, delimitando o contexto em que se inserem. Além

⁴ Estudo realizado pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, publicada em 01/12/2016 no site: www.saude.sp.gov.br .

disso, a relação com os/as adultos/as responsáveis, as questões de gênero também estarão presentes no modo como esses/as adolescentes irão se constituir como sujeitos que realizam escolhas e se apropriam de seus próprios direitos e deveres dentro da sociedade.

CAPÍTULO 5 - O INSTITUTO QUERÔ

5.1 A Educação não formal

No decorrer da dissertação e na análise das entrevistas, o projeto Querô apareceu como algo de grande importância na vida destes/as adolescentes. A partir desta constatação, figurou-se importante incluir referencial bibliográfico que trabalha a educação não formal como um modo de aprender novos conhecimentos que se expandem para todos os campos da vida, muito além, portanto, da escola formal.

Considera-se que educação não formal é aquela apreendida no seu processo de socialização, ocorrendo nos espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento (GOHN, 2010). Segundo Gadotti (2005), a educação não formal é menos hierárquica e burocrática que a educação tradicional. Tanto o lugar onde se realizam as atividades quanto a duração dos projetos e programas variam, respeitando o ritmo das turmas, além disto, o rumo que o programa toma varia conforme a colaboração dos participantes, diferenças biológicas, culturais e históricas.

Nesse processo de educação, é considerado o que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e em ações coletivas cotidianas, sendo semelhante à educação cidadã (GOHN, 2010).

A educação não formal volta-se para a formação de cidadãos(ãs) livres, emancipados/as, portadores/as de um leque diversificado de direitos e deveres para com os outros. Sendo assim a educação não formal seria um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania (GOHN, 2010).

Ainda conforme Gohn (2010), o processo de educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, principalmente no campo da adolescência e juventude. Por ser menos estruturada e mais flexível consegue atingir a atenção e o imaginário dos/as adolescentes. Quando relacionada a processos sociais desenvolvidos em periferias, a educação não formal possibilita processos de inclusão social pelo resgate da riqueza cultural das pessoas, expressa na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores. Na fase de escolarização dos/as adolescentes, ela potencializa o

processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não tem espaço nas estruturas curriculares.

5.2 A educação não formal do Instituto Querô para entrevistados/as

O Instituto Querô apareceu diversas vezes durante as entrevistas como algo importante na vida deles/as, entendido como uma porta que se abriu para novos conhecimentos.

Felipe descreve que antes de ingressar no Querô tinha algumas dúvidas sobre o que cursar na universidade e, ao sentir de perto certas experiências vividas em sala de aula no Instituto, conseguiu tomar sua decisão apontando para a importância deste lugar na concretização da autonomia.

“Porque...é...eu já sabia que, que eu queria alguma coisa, mas não tava pra esse lado assim tipo, arte tals. E o Querô, é... mostrou muito de coisas que eu sabia que ia encontrar tipo numa faculdade de Publicidade e Propaganda, sabe? É, deu pra sentir aquele gostinho, sabe? É, e é o que eu...é o que eu quero.” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Alice compartilha da mesma experiência de Felipe, afirmando que o Instituto auxiliou em suas decisões quanto ao curso universitário que pretende cursar após o ensino médio. Compara o projeto Querô com a escola que estuda e comenta que na matriz curricular escolar não teria espaço para discussões da esfera da política e de interesses coletivos, como a sexualidade ou outros temas e, portanto, não é capaz de abranger as preferências pessoais de cada estudante, seguindo os padrões moldados pela sociedade. Para ela, a importância de estar inserida no projeto Querô, é sinalizada da seguinte forma em sua vida:

“Acho que o Querô foi incrível assim. Acho que a maior coisa que eu mais vou me lembrar da adolescência é o Querô, porque a gente tem aulas de política, a gente tem aula de coletivo. São aulas que discutem...são coisas que eu gosto bastante de fazer. Eu tô curtindo. É, porque eu gosto muito de discutir essas coisas e, e a gente tinha aula tanto de, dessa parte de política, que era um negócio que a gente não teve na escola, e eu acho muito importante ter, mas tanto da parte do cinema que eu sou muito apaixonada, então acho que ajudou super. Acho que se não fosse o, o Querô, estaria fazendo cursinho pra prestar medicina.” (ALICE, 16 anos, Bissexual, Santos)

Mariana também relata que se sentia perdida quando pensava sobre os caminhos a traçar sobre o futuro. Mesmo que ainda não tenha definido completamente com o que deseja trabalhar, já decidiu que será na área de cinema, que ocorreu após início de sua participação no Querô:

“ (...) eu tava totalmente perdida, não sabia o que eu ia fazer de faculdade, mesmo com a escola e aí eu vi um negócio que eu falei meu, eu me encaixo nisso, só que eu ainda não sei literalmente em qual parte seria do cinema, porque são tantas, mas eu acho que, eu sei que eu vou me achar...” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

A adolescente sente-se grata por poder participar do projeto e dá ao Instituto os créditos do processo de construção de uma nova forma de pensar sobre algumas situações. Destaca que este processo não foi determinado por ninguém e sim promovido por reflexões desencadeadas nas atividades do Querô:

“ Foi uma das maiores portas pra mim, inclusive eu agradeço muito por ter entrado, porque eu consigo pensar coisas melhores, mas é do meu jeito. Sem ninguém tá prendendo.” (MARIANA, 17 anos, Negra, Heterossexual, São Vicente)

Fernando reforça a importância que o Instituto teve em sua trajetória e conta que através dos debates dos quais participou, foi possível se conhecer melhor e também conhecer melhor a própria sociedade:

“Porque eles estão sempre fazendo debate, sempre tem alguma coisa de autoconhecimento também. Você...uma coisa que eu acho legal do Querô por exemplo, que são os projetos sociais. Você acaba conhecendo uma nova realidade e ao mesmo tempo você vai se conhecendo, enquanto vai conhecendo outras pessoas. Eu acho isso muito legal.” (FERNANDO, 18 anos, branco, heterossexual, São Vicente)

Para Alice, o Instituto abriu caminhos para compreender os seus direitos e colabora para que se torne uma adulta mais crítica perante situações da sociedade, interligando-se novamente com a temática da autonomia. Uma vez, que o Instituto pode proporcionar atividades, exercícios e experiências que estimulam a construção da autonomia nestes/as jovens, firmados nas próprias diretrizes do projeto Querô:

“Ah, eu acho que eu tenho que estudar, né. Por mais que eu não faça muito isso, é mas acho que eu tenho que estudar, me dedicar nas coisas, pesquisar... mas é, algo que eu aprendi bastante no Querô assim, tipo, pensar mais sobre os meus direitos como jovem, que é uma coisa que a gente tem visto muito e questionar bastante coisa, porque as vezes os adultos não, não questionam as coisas.” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

O tema sexualidade parece estar presente nos conteúdos das atividades do Instituto. Inclusive, Alice afirma considerar este um fato importante, reconhecendo que lá é um ambiente ideal para tal, pois as pessoas são mais abertas a conhecimentos novos e costumam ser participantes nas atividades propostas.

“Nossa, não sei. Acho que no Querô é mais fácil, porque não sei. Acho que as pessoas são muito abertas no Querô, então seria mais fácil tudo isso, do que numa

escola por exemplo. Mas, no Querô eu não sei como poderia...uma rodinha, é que, acho que alguma coisa teria que acontecer pra que as pessoas se sentissem abertas o suficiente pra falar de sexo. Talvez uma conversa não sei, passar um filme não sei...filminho todo mundo presta atenção, mas acho que uma conversa assim...” (ALICE, 16 anos, Branca, Bissexual, Santos)

Em contrapartida, Felipe ressalta a falta da temática de sexualidade na matriz curricular do curso de formação da Turma Básica do Querô. Mesmo assim, a proximidade e vínculo entre os/as estudantes e a professora de referência da Turma Básica, permitiram que a qualquer momento fosse possível iniciar conversas sobre sexualidade e outras dúvidas que possam ter.

“Não, não tipo, diretamente, mas é que a gente tem muita, muita liberdade sabe, de falar com a Fulana assim, então o que a gente quiser, a gente pode falar com ela. Ela é meio tipo, mãezona sabe? A gente confia bastante, bastante na Fulana e aí tipo, mas não tipo, a gente não teve tipo uma aula tipo...as vezes as aulas de coletivo a gente discute algumas coisas próximas...” (FELIPE, 17 anos, Negro, Bissexual, Santos.)

Na fala de Felipe, aparece uma representação de gênero que idealiza a imagem da professora como “mãezona”, atribuindo ao papel da mulher uma ideia de maternidade que, obrigatoriamente, remete à confiança, ao cuidado, ao carinho e auxílio na resolução de dificuldades na vida dos/as filhos/as -estudantes.

A matriz curricular do Instituto é composta por aulas de elaboração de roteiro, maquiagem, edição de vídeos, fotografia, filmagens, aula de coletivo, em que se discute questões para reflexão, como sexualidade, política, cidadania, construindo junto com os adolescentes um pensamento crítico.

O Instituto Querô, auxilia de forma direta e indireta os/as adolescentes a serem mais críticos e reflexivos sobre a sociedade em que estão inseridos/as e a buscarem novas formas de mudança na sociedade, como se mobilizarem por atividades sociais ou ajuda para a decisão sobre profissão.

Considerando o conteúdo analisado, é possível entender que o Instituto Querô, ao construir caminhos para a reflexão junto aos/as adolescentes, acabou por fortalecer a autonomia perante decisões em suas vidas. No tocante a sexualidade, o projeto Querô trouxe alguns debates, através e filmes e discussões realizadas em debates coletivos que permitiram que os/as adolescentes tivessem algum repertório para decidirem sobre a experimentação de diferentes vivências, sem se preocupar com rótulos pré-moldados pela sociedade.

Ao terem contato com a temática nas atividades do Querô, os/as adolescentes sentiram-se incentivados/as a ampliar conhecimento e realizar buscas pela internet ou em outros meios. Além disso, para os/as adolescentes Felipe, Alice e Franciele, as atividades parecem ter ajudado no fortalecimento para realizar escolhas na esfera da sexualidade em suas vidas, e falar abertamente sobre elas em determinados grupos que frequentam.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou conhecer o processo de aprendizagem da sexualidade a partir da construção da autonomia dos/as adolescentes entrevistados inseridos na Turma Básica no projeto Querô. A metodologia empregada na pesquisa de campo demonstrou ser adequada para se atender aos objetivos deste trabalho, pois permitiu apreender o cotidiano dos/as adolescentes e percebe como se dá o processo de construção de autonomia no exercício da sexualidade.

As limitações deste estudo estão diretamente relacionadas com a temática da sexualidade que se apresentou tanto no receio em participar do estudo, como quanto no medo de que o conteúdo da entrevista pudesse ser revelado, como manifestado por alguns/as participantes inibição em alguns momentos deles/as com a pesquisadora.

No que diz respeito à autonomia na vivência da sexualidade, entre os/as entrevistados/as, ela se constrói por meio do movimento de busca de conhecimentos para além dos oferecidos nos ambientes familiares, embora suas escolhas ainda sejam pautadas nos desejos de pais e mães que assumem condição de poder referente ao corpo dos/as filhos/as. Entre os/as entrevistados, parece prevalecer uma ideia da adolescência como um período de rebeldia e transição, muito próxima das representações essencialistas sobre a adolescência como uma condição preparatória para a vida adulta.

Nesta pesquisa os/as adolescentes entrevistados/as parecem ter pouco conhecimento referente aos Direitos Sexuais e Reprodutivos e em relação às demais políticas públicas. Há entre eles/as a sensação de que as Políticas Públicas que visam garantir os Direitos Sexuais e Reprodutivos não são viáveis. Reivindicam maior divulgação através da mídia, internet, escolas e locais públicos para ajudar na ampliação do acesso aos direitos e para maior participação na elaboração de políticas.

Apesar dos/as adolescentes reconhecerem-se como sujeitos de direitos perante o Estado, eles/as nem sempre conseguem compreender qual a função ou papel dele enquanto em ser o mantenedor destas políticas públicas no campo da sexualidade. A participação do Estado na vida sexual dos sujeitos é vista de forma distinta, mas destaca-se a compreensão de que caberia o Estado a distribuição de camisinhas e afins.

Outrossim, a educação poderia ser uma forte aliada dos/as adolescentes para maior acesso ao conhecimento sobre sexualidade, se fosse capaz de apresentar a temática de forma transversal, envolvendo os/as alunos/as em pesquisas e discussões. Para os/as entrevistados/as, a escola deveria abordar e respeitar outros arranjos sexuais, para além do heterossexual que propondo ações, nesta lógica, privilegia o conhecimento em torno do sistema reprodutivo.

Ressalta-se a importância de discutir junto aos/as adolescentes sobre as relações sobre gênero, relações de poder, sobre os relacionamentos abusivos, sobre ampliar repertório para maior poder de decisão e modos de escapar da coerção exercida sobre eles/as no campo da sexualidade.

No tocante aos relacionamentos sexuais, a pesquisa também demonstrou que a questão da confiança no/a parceiro/a e a não utilização da camisinha, em decorrência de vinculações afetivas ou de amizade, pode indicar uma situação preocupante para prevenção do HIV entre os/as adolescentes. A pesquisa também identificou que o uso do preservativo pode estar relacionado a uma desigual condição na relação de namoro.

Relações de poder estão muito vinculadas à questão de gênero que apareceu como algo importante, especialmente porque os/as adolescentes entendem que a sociedade espera das meninas e dos meninos determinados comportamentos e sabem que isto afeta o modo de viver a sexualidade.

A pornografia destacou-se como uma das esferas possíveis do processo de aprendizado da sexualidade. Há um reconhecimento por parte dos/as adolescentes que a pornografia auxilia a construção do corpo ideal perante a sociedade, além de reconhecerem que a pornografia mostra o sexo de uma forma violenta idealizando que o prazer do homem coloca a mulher na condição de objeto para sua satisfação. Sendo assim, aponta-se para necessidade de realizar outros estudos sobre a objetificação dos corpos na indústria pornográfica, sobre a participação de adolescentes neste processo, numa perspectiva de gênero, além de estudos sobre a contribuição da pornografia no processo de aprendizagem da sexualidade. Isto ganha reforço já que a mídia, de maneira geral, é reconhecida pelos/as entrevistados/as como forma de propagação da sexualidade heteronormativa e da criação dos mitos em relação à adolescência.

A pesquisa indica também sobre a necessidade de compreender melhor a dinâmica das relações entre filhos/as e pais e mães as proibições sobre corpos e práticas. Assim, é preciso também compreender o modo como determinam a construção de vínculos emocionais e da autonomia na vida desses/as adolescentes. No campo da sexualidade, a preocupação familiar gira em torno das IST e gravidez não planejada. Algumas experiências marcam os/as adolescentes de forma a inibir os/as novas tentativas de diálogos.

Os espaços de educação informal, particularmente aqueles onde se desenvolvem atividades culturais, apareceram como locais transformadores na vida dos/as adolescentes do Querô entrevistados/as. Tais espaços estão relacionados ao acesso a novos conhecimentos, acesso a discussão sobre direitos e deveres na sociedade e discussões reflexivas sobre assuntos de interesse dos próprios/as adolescentes. Assim, parece interessante que se destine pesquisas para compreender o tipo de transformação social ocorrida com adolescentes delinear novos caminhos.

Entres os/as adolescentes do Instituto Querô que participaram das entrevistas, identificou-se possibilidades de maior autonomia para o exercício da sexualidade, considerando aquilo que motivou a realização do próprio trabalho. Não é possível afirmar que esta é uma condição de todos/as adolescentes da Turma Básica ou do próprio Querô, dado o universo reduzido do estudo. Mas, certamente pode-se afirmar que os/as entrevistados/as apresentam um pensamento crítico e reflexivo sobre a sexualidade, sobre as questões de gênero e até sobre direitos sexuais e reprodutivos e políticas públicas para adolescentes, mesmo que não se reconheçam conhecedores/as destas temáticas.

Ressalta-se a importância de que outras pesquisas investiguem a condição juvenil dos/as adolescentes do Instituto Querô no intuito de identificar e compreender os aspectos que os/as diferenciam de outros/as adolescentes de extratos populares que não têm acesso a projetos culturais deste tipo. Especialmente porque, os/as entrevistados/as concebem o Instituto Querô parece estar relacionado com a construção da sua autonomia.

A autonomia, principal foco da pesquisa, apresentou-se associada a um sentido de liberdade, algo definido pelo poder/capacidade para tomar decisões e fazer escolhas a partir dos próprio desejos sem precisar da autorização do/as responsável. Por outro lado, os/as entrevistados/as reconhecem que o momento da adolescência ainda, em várias circunstâncias, ainda depende de consentimento para vários aspectos, sugerindo uma autonomia tutelada.

Ao refletir sobre os possíveis caminhos para investir no exercício da autonomia na sexualidade, a escola é reconhecida como instrumento importante e local onde a sexualidade deveria ser abordada de forma ampla. Os/as amigos/as também foram reconhecidos/as como colaboradores/as importantes neste processo.

Desta forma, compreende-se que a construção para a autonomia, não apenas no exercício da sexualidade mas todas as dimensões da vida dos/as adolescentes, dá-se por meio das vivências e experimentações vividas no decorrer da trajetória adolescente, inserida em contexto.

CAPÍTULO 7- PRODUTO

No decorrer da pesquisa e da análise das entrevistas, os/as adolescentes trouxeram questões consideradas importantes por eles/as a serem trabalhadas no âmbito escolar, na internet e nos locais que frequentam.

No processo de pesquisa foi sendo elaborada proposta de produção de audiovisual cujo conteúdo seja capaz de refletir dúvidas e questões trazidas na própria pesquisa. A escolha pela estratégia do audiovisual se dá pelo modo como o Instituto Querô trata a experiência. Assim, parece interessante que os/as próprios/as adolescentes produzam o método e o conteúdo, promovendo uma transmissão mais horizontal do conhecimentos sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos com audiovisual.

Desta forma, o audiovisual deverá partir dos significados apreendidos nas entrevistas e poderá abordar os seguintes temas:

- Significado da adolescência e da juventude na perspectiva deles e delas;
- Sexualidade: o que é, como sentem, como vivem, o que esperam;
- Autonomia e sexualidade;
- Relações afetivas e sexuais: como são as relações?
- Gênero e sexualidade;
- Internet e pornografia;
- Relações com pais e mães: importância (ou não) da participação da família;
- Direitos Sexuais e Reprodutivos: políticas públicas, sujeitos de direitos e formas de participação política dos/as adolescentes.

O modo como o conteúdo será abordado no audiovisual deverá escapar da visão do adulto e se distanciar das experiências negativas que tiveram, por exemplo, na escola e que não foram bem avaliadas.

O produto tem como objetivo auxiliar profissionais do Instituto Querô na discussão da temática sexualidade e valorizar a relevância da participação dos/as próprios/as jovens na construção de propostas para discutir temáticas dessa natureza.

Serão realizadas reuniões durante o processo de produção audiovisual com os/as adolescentes. Poderão ser organizados grupos de discussão entre eles/as e assim, filtrar os assuntos de seus/as interesses e os conteúdos a serem discutidos e pesquisados para assim, poder estruturar o roteiro das gravações.

O curta-metragem deverá ter em torno de 10 minutos e todas as etapas de elaboração devem acontecer em parceria com adolescentes entrevistados/as na pesquisa e também com participação de outros/as interessados/as.

Os/as adolescentes irão protagonizar o processo e poderão incluir narrativas de histórias consideradas relevantes a partir de apontamentos que surgiram durante as entrevistas. As cenas também poderão ser protagonizadas pelos/as entrevistados/as ou por outros/as adolescentes do Instituto.

O Instituto Querô irá ceder os aparelhos de audiovisual para a gravação do curta e oferecerá apoio técnico, garantindo o envolvimento de funcionários/as que colaborarão para a criação do roteiro e edição das imagens.

O material poderá também ser utilizado na Instituição de acolhimento “Jesus, Esperança e Vida” onde trabalha atualmente a pesquisadora. A experiência nessa função permitiu notar que na Instituição também há falta de acesso a conteúdos que envolvam a sexualidade e Direitos Sexuais e Reprodutivos. Acredita-se que a partir do curta-metragem os/as cuidadores/as do abrigo possam criar novas estratégias para desenvolverem os espaços educativos juntos/as aos/as adolescentes acolhidos/as na Instituição que fica no município de Cajati, inserido na região do Vale do Ribeira, onde na qual cerca de 80% da população vive abaixo da linha da miséria, o que desencadeia interferências para o campo da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.

Por intermédio do curta-metragem, os setores públicos do município envolvidos com as políticas para adolescentes, podem discutir sobre estratégias para incluir esta temática informação relevante nas escolas e espaços de convivência, como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) onde ocorrem os atendimentos para a população que está em situação de vulnerabilidade social, incluindo os adolescentes.

Cronograma das atividades a serem desenvolvidas para elaboração do curta metragem:

8- REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis Punks e darks no espetáculo urbano**. Página Aberta: São Paulo, 1994.

D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicol. Soe.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 de março de 2017.

ALTMANN, H. **Pedagogias da sexualidade e do gênero: educação sexual em uma escola**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, PUC/ Rio, Rio de Janeiro 2005. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0114341_05_Indice.html>. Acesso em: 20/10/2016

ALTMANN,; MARTINS, J. C. **Políticas da Sexualidade no Cotidiano Escolar**. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio (org.). Cotidiano Escolar: emergência e invenção. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

ARAÚJO, M. F. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 22, n. 2, June 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 08 Out. 2014.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BRASIL. **Direitos sexuais e direitos reprodutivos: uma prioridade do governo.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Saúde sexual e saúde reprodutiva. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Manual do Ministério da Educação: Orientação Sexual.** Vol. 10.2. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> Acessado em 08 de Janeiro de 2014.

BOURDIEU, P. (2000) **A juventude é apenas uma palavra.** In Questões de sociologia, Rio de Janeiro, marco Zero, 1983.

CAETANO, J. A. M. Sexualidade, Saúde e Direitos Humanos. In: TEIXEIRA, F. Sexualidade e Educação Sexual. **Políticas educativas, investigação e práticas.** 1ª ed. Comissão Nacional da Unesco Portugal, 2010. p. 3-12.

CANO, M. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. latino-am. Enfermagem- Ribeirão Preto-** v. 8- n 2- p. 18-24- abril 2000. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>> Acessado em 05 de novembro de 2014.

CARONI, M. M. **O adolescer do prematuro: implicações da prematuridade no fortalecimento da autonomia.** [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira; 2012.

CARVALHO, B. R. **Investigando a gravidez na adolescência e seus determinantes nos dias de hoje.** 2012. 31 f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família) - Núcleo de Educação em Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Uberaba, 2012.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento.** 8. ed. São Paulo: L & PM Editores.

DAYRELL, J. O Jovem Como Sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro. n.24. set/dez 2003, p. 4-13

DAYRELL, J. ; CARRANO, P. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola?** In: Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 101-135.

DÍAZ, M ; CABRAL, F. ; SANTOS, L. Os direitos sexuais e reprodutivos. In: RIBEIRO, C.; CAMPUS, M.T.A. (ed.).**Afinal, que paz queremos?** Lavras: Editora UFLA, 2004. p 45-70

DUQUE-ARRAZOLA, L. S. “O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza”. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Mortalidade por Aids cai mas infecção entre jovens gays cresce em SP**. Secretaria de Estado da Saúde, São Paulo, 01 dez 2016.

FERREIRA, G. **Interseccionalidades e marcadores sociais da diferença na experiência de travestis privadas de liberdade**. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/serpinf/2014/assets/23.pdf>> Acesso em 29 de abril de 2015.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade** 1. A vontade de saber. 12. ed. Tradução de: M. T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FLEMING M. M. S. P. V. **Autonomia comportamental na adolescência e percepções das atitudes parentais** [Tese de Doutorado]. Porto: Instituto de Ciências Médicas Abel Salazar, Universidade do Porto; 1998.

FREITAS, M. V. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18082812007000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 novembro 2016.

GADOTTI, M. Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria prática e proposta**. 7. ed., São Paulo: Cortez, 2005. p. 29-39.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação** (para além das teorias da reprodução) Petrópolis, Vozes, 1986.

GOHN, M. G. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. – Coleção questões da nossa época; v.1.

HEILBORN, M. L. , AQUINO, E. M. L, KNAUTH, D.R. Juventude, sexualidade e reprodução. **Cad Saúde Pública** 2006; 22:1362-3.

HEILBORN M. L., Aquino, E. M. L., Bozon, M. & Knauth, D. R. (orgs.). (2006). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz.

LOURO ,G. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

LOURO, G. Pedagogias da sexualidade. In Guacira Lopes Louro (Org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999: 7-34.

MILTER, K. S. ; SLADE, J. W. (2005). **Global traffic in pornography: The Hungarian example**. In L. Z. Sigel (Ed.), *International exposure: Perspectives on modern European pornography, 1800-2000* (pp.178). Piscataway, NJ: Rutgers University Press.

MARTINS, C. et al . **SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: MITOS E TABUS**. Cienc. enferm., Concepción , v. 18, n. 3, 2012 . disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000300004&lng=es&nrm=iso>. acessado em 01 de maio 2015

MATTAR, L. **Exercício da sexualidade por adolescentes em ambientes de privação de liberdade**. Cad. Pesqui., São Paulo , v. 38, n. 133, Abr. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

MATTAR, L. Reconhecimento jurídico dos direitos sexuais: uma análise comparativa com os direitos reprodutivos. **Sur, Rev. int. direitos human.**, São Paulo , v. 5, n. 8, p. 60-83, June 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452008000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 junho. 2016.

MATTESON, D. R. (1972). Exploration and commitment: sex differences and methodological problems in the use of identity status categories. **Journal of Youth and Adolescence**, 6, 353-374

MATÃO, M. E. L. **Representações Sociais de Mulheres Jovens Associadas ao Sexo e Práticas Preventivas**. 2012. 103 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2012.

MARGULIS, M. ; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. In: ARIOVICH, Laura. La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MINAYO, M.C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Ed. Hictec, 2010.

MISOVICH, J. , FISHER J., FISHER W. Close relationships and elevated HIV risk behavior evidence and possible underlying physiological processes. **Review of General Physiology**. v.1 n.1., p.72-107, march 1997.

MORAES, S. ; VITALLE, M. **Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência**. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo , v. 58, n. 1, Feb. 2012 Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302012000100014&lng=en&nrm=iso > Acessado em 03 de dezembro de 2014.

VENTURA, M., CORREA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(7):1505-1509, jul, 2006 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n7/14.pdf> > Acessado em 02 de fevereiro de 2015.

PAIXÃO, L. O uso de recursos didáticos no ensino de História para deficientes visuais. **Revista Benjamin Constant**. Rio de Janeiro, ano. 17, n. 50, p. 5-17, dez. 2011.

PAIVA, V. et al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.42, supl. 1, p. 45-53, jun. 2008.

PARKER, R. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: Abia: Editora 34, 2000.

PARKER, R.G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEDROSO, D. **Infecção por HIV cresce em Santos, especialmente entre jovens**. *A tribuna*, Santos, 19 abr 2016.

PERALVA, A. T. (1997). O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação** - ANPED 5 e 6, 15-24.

PEREIRA, E. D. **Desejos polissêmicos: discursos de jovens mulheres negras sobre sexualidade**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008.

PERES, F. **Adolescência: em busca dos sujeitos sociais**. São Paulo, 1995. [Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo]

PITOMBEIRA, D. **Adolescentes em processo de exclusão social: uma reflexão sobre a construção de seus projetos de vida** [Dissertação de Mestrado]. Fortaleza: Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Ceará; 2005.

REICHERT, C. B. **Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais**. 2006. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, PUC-RS, Porto Alegre.

SANTOS, A. ; CECCARELLI, P. R.. **Psicanálise e moral sexual**. Reverso, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, jun. 2010. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 maio 2015.

SANTOS. **Prefeitura Municipal de Santos.** Disponível em: <<http://www.santos.sp.gov.br/?q=aprefeitura/secretaria/saude/politica-anti-hiv>> Acesso em 02 de Fevereiro de 2017.

SEHNEM, G. et al . **A construção da sexualidade de estudantes de enfermagem e suas percepções acerca da temática.** Cienc. enferm. concepción , v. 20, n. 1, abr. 2014
Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532014000100010&lng=es&nrm=iso> acessado em 15 de dezembro de 2014.

SILVA, C. G. da Sexualidade, **conjugalidade e direitos entre jovens religiosos da região metropolitana de São Paulo**, Tese de Doutorado, Programa de Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo 2010.

SIMILI, I. G. ; SOUZA, M. C. Uma beleza das meninas nas "dicas da Barbie". **Cad. Pesqui.** , São Paulo, v. 45, n. 155, p. 200-217, março de 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000100200&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 de Janeiro de 2017.

SIMSON, O. R. M ; PARK, M. B.; Fernandes R. S. **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp/ Centro de Memória, 2001.

SOUZA, E. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 26, p. 169-199, June 2006 .

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100008&lng=en&nrm=iso>. acessado em 20 de abril 2015.

SPEAR, H. J.; KULBOK, P. Autonomy and adolescence: a concept analysis. **Public Health Nursing**, Massachusetts, v. 60, n. 2, p. 144-152, 2004.

STEINBERG, L.; SILVERBERG, S. B. The vicissitudes of autonomy in early adolescence. **Development**, Madison, n. 57, p. 841-851, 1986.

TAQUETTE, S. R. Direitos Sexuais e Reprodutivos na Adolescência. **Adolesc Saude**. 2013; 10 (Supl. 1): 72-77

VENTURA, M., CORREA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(7):1505-1509, jul, 2006 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n7/14.pdf>> Acessado em 02 de fevereiro de 2015.

VENTURA, M. (Org.). **Direitos sexuais e direitos reprodutivos na perspectiva dos direitos humanos**. Rio de Janeiro: Advocaci, 2003

VILLELA, W. V. ; DORETO, D. T.. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 11, p. 2467-2472, Nov. 2006 .Disponível em <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001100021&lng=en&nrm=iso>.acessado em 15 maio 2015.

VILELLA W. V. Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência. **Rev Paul Pediatr.** 2003;21(2):89-94.

VITALLE, M.S.S. Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência. **Rev Paul Pediatr.** 2003;21(2):89-94.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos orais: do indizível ao dizível.** In: VON SIMSON, O. (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1988. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v. 5.

ZANELLA, A. V. et al . Jovens, juventude e políticas públicas: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 18, n. 2, p. 327-333, Junho 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2013000200019&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 Mar. 2017.

ANEXO -I - Roteiro da Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

PESQUISA: A autonomia dos adolescentes assistidos no Instituto Querô no universo da sexualidade no município de Santos/SP.

Obs.: o presente roteiro será alterados no desenvolvimento da pesquisa

Parte I: perfil

- a) data nascimento
- b) cor auto-referida
- c) local de moradia (cidade, bairro, descrição da casa)
- d) quantas pessoas moram na casa?
- e) quem trabalha na casa?
- f) quem é responsável pela renda na casa?

1 – O que é ser adolescente para você ? Quando isto aconteceu? Descreva uma cena marcante deste momento de passagem da infância para adolescência.

2- Como é sua rotina? O que faz durante o dia e nos finais de semana?

3 - Quais são suas responsabilidades como adolescente? Você acha que é uma pessoa com autonomia? Explique.

4- O que você acha de namoro? O que é namorar? Você namora? Conte sobre sua vida afetiva. De quem gosta, de quem gostou. Como foi o primeiro beijo. Já teve experiências sexuais?

5- O que sua família pensa disso?

6- E seus amigos?

7- Na escola, o que você conversa sobre gostar, ficar, namorar?

8- E no Querô?

- 9- E em outros lugares? Na Igreja, por exemplo. Você vai a Igreja?
- 10- O que é sexo? Qual é momento ideal dele acontecer na vida de uma pessoa? E com você?
- 11 – Com quem você conversa sobre sexo? Você procurou quem quando teve as primeiras dúvidas? E hoje em dia, com quem você conversa? Por que?
- 12- Você já pensou em gravidez? Em que situação?
- 13 – E sobre doenças sexualmente transmissíveis?
- 14 – O que você pensa sobre preservativo? Quem deve usar? Você usa? Por que?
- 15 – Você sabia que hoje em dia, são as pessoas jovens que mais se infectam pelo HIV, o vírus da aids? O que você pensa sobre isto?
- 16 – O jovem tem direito a viver uma sexualidade saudável e responsável. O que você pensa sobre esta afirmação? O que são direitos? Quem deve garantir?
- 17- Como você toma decisões na sua vida sobre coisas importantes? E em relação a ficar, namorar e sexo, como isto acontece?
- 18- Namoro, relacionamento, paquera, ficar e sexo é diferente para meninos e meninas? Explique.
- 19 – Sexo é igual para todo mundo? Como as pessoas podem ter experiências diferentes com sexo?
- 20 – Quais seus planos para o futuro? Como o Querô ajuda nisso?
- 21- Como você acha que o sexo poderia fazer você feliz?
- 22 – os/as adolescentes poderiam trocar experiências para tirar dúvidas sobre sexo? Como isso poderia acontecer no Querô?
- 23 – Você acha que a produção de um vídeo poderia ajudar? Como? Você participaria?

ANEXO- II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

CAMPUS BAIXADA SANTISTA - INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(jovens com 18 anos ou mais)

PESQUISA:

A autonomia dos adolescentes assistidos no Instituto Querô no universo da sexualidade no município de Santos/SP.

O/a adolescente _____, por quem o/a senhor/a é responsável, está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A autonomia dos adolescentes assistidos no Instituto Querô no universo da sexualidade no município de Santos/SP”.

Trata-se de uma pesquisa do Mestrado que está sendo realizada pela discente Gabriela Esteves, estudante do Mestrado Profissional do campus Baixada Santista da UNIFESP, sob orientação da Professora Doutora Cristiane Gonçalves da Silva. O objetivo é Compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos no projeto Querô no município de Santos/SP.

A participação nesta pesquisa é voluntária e não implicará nenhum risco. Está garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e, portanto, a desistência de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. Não haverá despesas ou compensações pessoais para o(a) participante em qualquer fase do estudo.

Os dados serão coletados através da realização de uma entrevista individual que serão gravados em áudio e transcritos literalmente. As informações serão utilizadas somente para a pesquisa que, depois de finalizada, poderá ter seus resultados veiculados no meio acadêmico,

científico. Serão resguardados seu nome, endereço, filiação e qualquer outro dado que possa resultar na identificação dos/as participantes.

Um termo de assentimento será apresentado ao/a adolescente pelo qual é responsável. Além disso, este termo está sendo elaborado em duas vias, sendo que uma via ficará com o/a senhor/a e outra arquivada com a pesquisadora responsável pelo estudo. Abaixo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Responsável pelo/a Participante	Pesquisadora
---------------------------------	--------------

Caso queira, poderá entrar em contato com a pesquisadora, Gabriela Esteves pelo telefone (13)981373759, e-mail: gabrielaa.esteves@gmail.com ou com a Profa. Dra. Cristiane Gonçalves da Silva, Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva, na Rua Silva Jardim – 136, das 9h -17:30hs, pelo telefone (13)3878-3700, pelo e-mail: cristiane.goncalves.silva@gmail.com ou, ainda, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP localizado na Rua Botucatu – 572, 1º andar/conj.14 CEP 04023-061 – São Paulo, horário de funcionamento das 8:00 às 17:00 horas; telefone (11)5571-1062; e-mail: cepunifesp@unifesp.br.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Estão nítidos para mim, quais são os propósitos da pesquisa, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos pertinentes. Declaro ainda que por minha livre vontade, concordo que o/a adolescente _____ participe da pesquisa, desde que concorde com esta participação, assinando o termo de assentimento que será a ele/ela apresentado. Tenho ciência também de que ele/ela poderá retirar seu assentimento a qualquer momento sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante o mesmo, sem prejuízos.

Assinatura do(a) responsável pelo/a participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o assentimento livre e esclarecido do/a jovem participante deste estudo.

ANEXO- III – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

CAMPUS BAIXADA SANTISTA - INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(para jovens com menos de 18 anos)

PESQUISA:

A autonomia dos adolescentes assistidos no Instituto Querô no universo da sexualidade no município de Santos/SP.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A autonomia dos adolescentes assistidos no Instituto Querô no universo da sexualidade no município de Santos/SP”. Trata-se de uma pesquisa de iniciação científica que está sendo realizada pela discente Gabriela Esteves, estudante do Mestrado Profissional do campus Baixada Santista da UNIFESP, sob orientação da Professora Doutora Cristiane Gonçalves da Silva. O objetivo é Compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos no projeto Querô no município de Santos/SP.

A participação nesta pesquisa é voluntária e não implicará nenhum risco e dependerá do consentimento de um/a responsável. Está garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e, portanto, a desistência de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. Não haverá despesas ou compensações pessoais para o(a) participante em qualquer fase do estudo.

Os dados serão coletados através da realização de uma entrevista individual que serão gravados em áudio e transcritos literalmente. As informações serão utilizadas somente para a pesquisa que, depois de finalizada, poderá ter seus resultados veiculados no meio acadêmico e

científico. Serão resguardados seu nome, endereço, filiação e qualquer outro dado que possa resultar na identificação dos/as participantes.

Este termo está sendo elaborado em duas vias, sendo que uma via ficará com você e outra arquivada com a pesquisadora responsável pelo estudo. A, seguir, o assentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Participante

Pesquisadora

Caso queira, poderá entrar em contato com a pesquisadora, Gabriela Esteves pelo telefone (13)981373759, e-mail: gabrielaa.esteves@gmail.com, ou com a Profa. Dra. Cristiane Gonçalves da Silva, Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva, na Rua Silva Jardim – 136, das 9h -17:30hs, pelo telefone (13)3878-3700, pelo e-mail: cristiane.goncalves.silva@gmail.com ou, ainda, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP localizado na Rua Botucatu – 572, 1º andar/conj.14 CEP 04023-061 – São Paulo, horário de funcionamento das 08:00 às 17:00 horas; telefone (11)5571-1062; e-mail: cepunifesp@unifesp.br.

ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido(a) sobre o conteúdo da mesma. Estão nítidos para mim, quais são os propósitos da pesquisa, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos pertinentes. Declaro ainda

que por minha livre vontade e em consonância com o consentimento do/a responsável, concordo em participar da pesquisa, podendo deixar de participar a qualquer momento sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante o mesmo, sem prejuízos.

Assinatura do(a) participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento livre e esclarecido do(a) responsável pelo(a) adolescente participante deste estudo.

Pesquisadora responsável

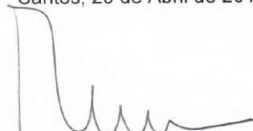
ANEXO IV- CARTA DE AUTORIZAÇÃO QUERÔ

INSTITUTO **QUERÔ**

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

O **INSTITUTO QUERÔ**, portador de CNPJ sob nº 10.227.433/0001-38, neste ato representado por sua Coordenadora Executiva, Thaís Badim Marques, vem através desta, **AUTORIZAR** que a pesquisadora Gabriela Esteves possa realizar sua pesquisa de mestrado intitulada como: "A autonomia e sexualidade entre os adolescentes assistidos/as no Instituto Querô em Santos/SP" no Instituto Querô.

Santos, 29 de Abril de 2015.

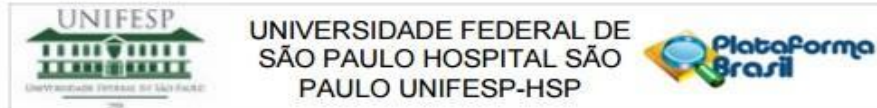


Thaís Badim Marques
CPF: 288.540.738-73
Coordenadora Executiva – Instituto Querô

ANEXO V- QUADRO ILUSTRATIVO DO PROCESSO DE ANÁLISE

Eixo Temático	Trecho da Entrevista	Referencial Teórico
Adolescência	Ser adolescente é...é tipo meio que entrar em conflitos é com quem você é sabe? Às vezes ter certezas, às vezes ter incertezas e tipo é muito baseado em mim, tipo é um dia se perguntando porque outro dia respondendo às suas perguntas do dia anterior, mas no dia seguinte você está perguntando o porquê de novo, sabe? Eu sou muito assim. (FELIPE)	Para alguns autores, a adolescência também é caracterizada por um período de vulnerabilidade física, psicológica e social, com mudanças no processo de desenvolvimento do ser humano. (DAVIM, 2009).

ANEXO VI – CARTA DE APROVAÇÃO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Autonomia e sexualidade entre adolescentes assistidos/as no Instituto Querô em Santos/SP.

Pesquisador: Gabriela Esteves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47527515.2.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/PEM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.172.196

Data da Relatoria: 05/08/2015

Apresentação do Projeto:

Nº CEP: 0891/2015 Esta pesquisa pretende compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos/as no projeto Querô no município de Santos/SP. A pesquisa terá como objetivos investigar se estes adolescentes conhecem os direitos sexuais e reprodutivos, se tem acesso a essas políticas públicas e se são sujeitos de sua sexualidade e quais os caminhos percorridos por eles para o exercício de sua autonomia. A pesquisa será realizada no Instituto Querô localizado no município de Santos/SP, será uma pesquisa qualitativa, através do método Análise de Conteúdo, com abordagem documental e posteriormente a análise será feita com base nas categorias teóricas das bibliografias escolhidas para a compreensão do tema. Este trabalho é relevante pela contribuição que pode oferecer a equipe profissional que trabalha com o aprendizado destes adolescentes e no trabalho que pode ser desenvolvido com eles para que se tornem protagonistas de suas histórias de vida.

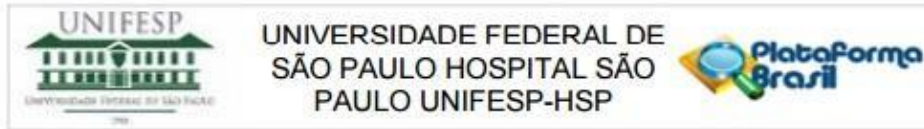
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Compreender a noção de autonomia na vivência da sexualidade entre adolescentes inseridos/as no projeto Querô no município de Santos/SP.

Objetivos Específicos:

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.172.196

- Investigar o conhecimento dos/as adolescentes sobre direitos sexuais e reprodutivos;
- Investigar se os/as adolescentes têm acesso a políticas públicas ligadas aos direitos sexuais e reprodutivos;
- Identificar Barreiras/dificuldades dos/as adolescentes para serem sujeitos da sua sexualidade;
- Identificar caminhos, a partir dos/as sujeitos, para estimular a autonomia para o exercício da sexualidade por parte dos/as adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador declara:

Riscos: Não há riscos em participar do estudo, mas as temáticas a serem abordadas na entrevista poderão causar algum desconforto ou constrangimento aos/as entrevistados/as, dada a natureza do interesse do estudo.

Benefícios: Não haverá benefícios diretos aos sujeitos desta pesquisa, mas seus resultados, poderão fornecer subsídios para elaboração de material didático e estratégias educacionais em sexualidade para serem utilizados durante as aulas que acontecem no Instituto e também por outras instituições que desenvolvem ações com jovens

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

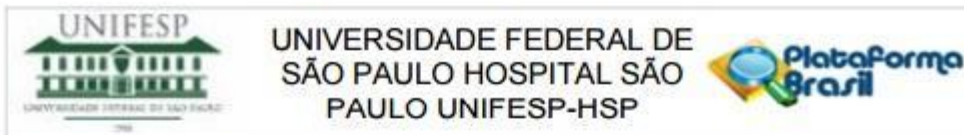
Trata-se de estudo com o objetivo acadêmico de Mestrado, vinculado ao Departamento/Disciplina de Políticas Públicas e Saúde Coletiva da Unifesp, Campus baixada santista. Orientadora: Cristiane Gonçalves da Silva

Para esta pesquisa será utilizada uma abordagem qualitativa. A pesquisa será realizada com adolescentes entre 14 aos 18 anos, que estejam regularmente inscritos/as na Instituição Querô no projeto oficinas Querô Básica.

-Critérios de inclusão : a) estar matriculado/a no projeto Oficinas Querô Básica; b) querer participar da pesquisa; c) ter consentimento do/a responsável para a participação nesta pesquisa. Para produção dos dados, será utilizada a entrevista semi-estruturada como procedimento metodológico.

-Para realização das entrevistas será utilizado um roteiro (EM ANEXO) com questões disparadoras para a narrativa dos indivíduos sobre aspectos centrais da vida como um todo e sua relação com

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.023-061
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.172.196

sua sexualidade e o papel das políticas públicas, família e sociedade neste processo. As entrevistas serão realizadas no Instituto Querô, em um lugar apropriado para garantia do sigilo em relação ao conteúdo das entrevistas. A definição da quantidade de entrevistas a serem realizadas se dará a partir da intensão de garantir alguma variedade dentro do universo total do projeto Oficinas Querô Básica. Assim, estima-se realizar , pelo menos dez entrevistas com adolescentes, sendo cinco com meninos e cinco com meninas, buscando ainda entre os/as entrevistados/as uma variação em relação a idade local de moradia e raça/cor. -Para a análise do conteúdo transcritadas entrevistas, será realizada com utilização da técnica de análise de conteúdo que segundo MINAYO

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos obrigatórios apresentados: Folha de Rosto folha de rosto.pdf; Projeto Detalhado TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE_GabrielaE_MP.doc; Autorização de acesso a arquivo Carta Resposta.jpg; Outros documentos: Pedido de Autorização.jpg; TALE_GabrielaE_MP.doc;

Recomendações:

Nada consta

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem inadequações

Situação do Parecer:

Aprovado

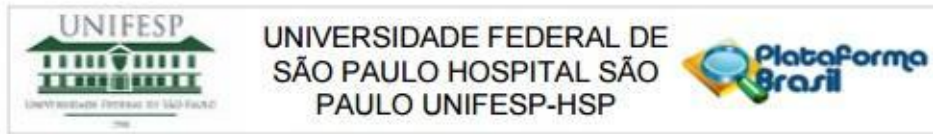
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios semestrais (no caso de estudos pertencentes à área temática especial) e anuais (em todas as outras situações). É também obrigatória, a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.023-061
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7182 E-mail: secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.172.196

SAO PAULO, 05 de Agosto de 2015

Assinado por:
Miguel Roberto Jorge
(Coordenador)

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.023-061
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: secretaria.cepunifesp@gmail.com